

Andrea Maria Erba

A Angélica Paula Antônia Negri

**Os dramáticos acontecimentos
da “divina madre” (1508-1555)**



Nossa capa: a Divina Madre

Andrea Maria Erba

A Angélica Paula Antônia Negri

Os dramáticos acontecimentos da “divina madre” (1508-1555)

ERBA, Andrea M., Angelica Paola Antonia Negri, EDIVI, Roma 2008. Tradução em Português por Pe. Jaciel Baracho da Silva CRSP, Belo Horizonte (MG) 2022. Revisão por Pe. Luiz Antônio do Nascimento Pereira CRSP, Rio de Janeiro 2024

Às irmãs angélicas de hoje para que no quinto centenário de nascimento da “divina madre” reavivam o carisma Paulino deixado a elas como herança.

Apresentação

Não são poucos os motivos que me induziram a promover a publicação deste livreto sobre a Angélica Paula Negri, que agora tenho o prazer de apresentar.

Antes de tudo uma razão de ordem histórica. De fato, neste ano acontece o quinto centenário de seu nascimento: um tempo muito longo, mas que não afetou a lembrança desta mulher extraordinária.

Há, pois, uma razão de caráter afetivo: “quem escreve” é natural de Castellanza e, então concidadão da Angélica Negri que aí nasceu em 1508. Sou um sacerdote Barnabita, ou seja, faço parte da família religiosa fundada em Milão pelo mesmo Fundador das angélicas, Santo Antônio Maria Zaccaria, que tinha tanta afeição pela à Negri, a ponto de assinar em uma de suas cartas: “Seu pai e filho, padre Antônio Maria.

Nutro também o desejo de fazer conhecida de um maior número de pessoas a figura desta ilustre mulher que, mesmo sendo uma autêntica personagem na vida e na história religiosa da Itália do século XVI, foi pouco notada até pelos estudiosos.

Merecia então, a meu juízo, que está personagem insigne da Igreja fosse posta em evidência, também porque a minha tese de licenciatura, discutida e aprovada na Universidade de Perugia em 1969, arriscava de permanecer sepultada nos arquivos, apesar dos pedidos de pessoas influentes para torná-la pública.

Pareceu-me conveniente confiar a incumbência de cuidar da publicação de um breve perfil biográfico da Negri ao meu coirmão e amigo Mons. Andrea Maria Erba, à época professor de História da Igreja na Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma e cultor dos estudos barnabíticos. Queríamos que fosse um trabalho

de caráter informativo, mais que de caráter rigorosamente crítico e científico, embora seja todo documentado em fontes publicadas e inéditas, e numa bibliografia especializada. Agradeço a D.Erba pelo seu empenho demonstrado ao escrever estas páginas.

Há ainda um motivo que me impeliu à presente iniciativa editorial: o convite do caríssimo pároco de Castellanza, Don Luigi Brazzelli, para comemorar o quinto centenário do nascimento da Angélica Negri. E acredito que disto ficaria contente também o meu saudoso irmão padre Gaetano Barnabita.

Acima de tudo, quem ficaria alegre seriam as Angélicas dos dias de hoje ao celebrarem esta data histórica, muito significativa para sua Congregação, ainda presente na Itália e no mundo no campo do apostolado educativo, pastoral e missionário, segundo o espírito e o carisma das suas origens.

As Angélicas consideram justamente Paula Antônia Negri como sua co-fundadora e a mais estimada colaboradora do Santo Fundador e a mais ligada a ele. Permito-me acrescentar que ela teve tudo a ganhar por ser conhecida pela sua alma grande que ela realmente foi.

Enfim gostaria de responder a uma eventual objeção: o que pode dizer ao mundo de hoje uma freira de cinco séculos atrás? A parte o interesse histórico e afetivo, julgo que a “divina madre e mestra”, para usar a terminologia da época, tenha uma mensagem atual para cada um de nós: em um tempo não muito diferente do nosso pelas inquietudes e as crises que afligem a humanidade; ela sabia dar impulso e vigor à obra da reforma católica, indicando às almas religiosas e aos leigos a genuína via do Cristianismo e a vocação universal à santidade.

Em outro volume a ser publicado em breve, isto é, uma antologia das “Cartas espirituais” da Negri, escritas com a ajuda de

seus filhos no período de 13 anos e abrangendo uma centena de cartas, varidas, as quais têm a dimensão de verdadeiros e próprios tratados: um epistolário denso de doutrina bíblica e litúrgica, uma fonte de ensinamentos e de espiritualidade, digno de ser comparado aos dos grandes escritores de ascética e mística. A angélica demonstra, em particular, possuir uma cultura paulina verdadeiramente impressionante e uma capacidade extraordinária de comunicá-la aos seus interlocutores. “Bastaria buscar” esta fonte para encontrar, ainda hoje, um pouco deste alimento espiritual do qual as nossas alma têm sede.

Este é o desejo que dirijo aos leitores.

Padre Giovanni M. Caldiroli, Barnabita.

Livorno, 04 de abril de 2008



Interior da igreja de São Sebastião em Livorno. Há poucos anos a nossa Congregação não é mais a responsável pelos cuidados pastorais da paróquia, tendo deixado a cidade.

O ambiente histórico–espiritual

Entre as correntes de vida e de reforma religiosa que se firmavam na Igreja da Itália e na Europa no século XV e no começo do século XVI, com programas de intensa renovação moral, espiritual e cultural, são bastante conhecidos os seus fenômenos mais característicos, como a *Devotio moderna*, o humanismo cristão, o evangelismo, as confrarias do Divino Amor, as figuras de bispos importantes, os núcleos que originaram a fundação das ordens dos clérigos regulares. Trata-se de formas nascidas, como movimento autônomo do corpo místico da Igreja antes do movimento protestante ou contemporâneas a ele e que, mais tarde, o Concílio de Trento canalizou em direção a uma nova ordem do catolicismo. Existiam então outros ambientes de fervorosa religiosidade, nascidos no seio das antigas congregações monásticas de observância, círculos de espiritualidade, mais ou menos organizados e autônomos nascidos na base em várias cidades da Itália, e dos quais saíram fortes personalidades ascético-místicas e inclinadas a uma ação apostólica com intensa profundidade.

Em Milão, por exemplo, se formou um círculo de leigos fervorosos, decididos a suscitar um despertar da fé e da caridade evangélica na classe nobre e aristocrática da cidade.

Chamou-se “Oratório da Eterna Sabedoria” onde, nos primeiros decênios do século XVI, se encontravam homens atentos ao destino da sociedade e espíritos inflamados por desejo de “renovação do fervor cristão”.

Através de uma forte experiência de oração, de ascese pessoal e de obras de misericórdia, um grupo de homens e mulheres, talvez sem que o soubessem, mas certamente guiados pela Providência, tiveram o mérito de dar origem a uma multiplicidade de

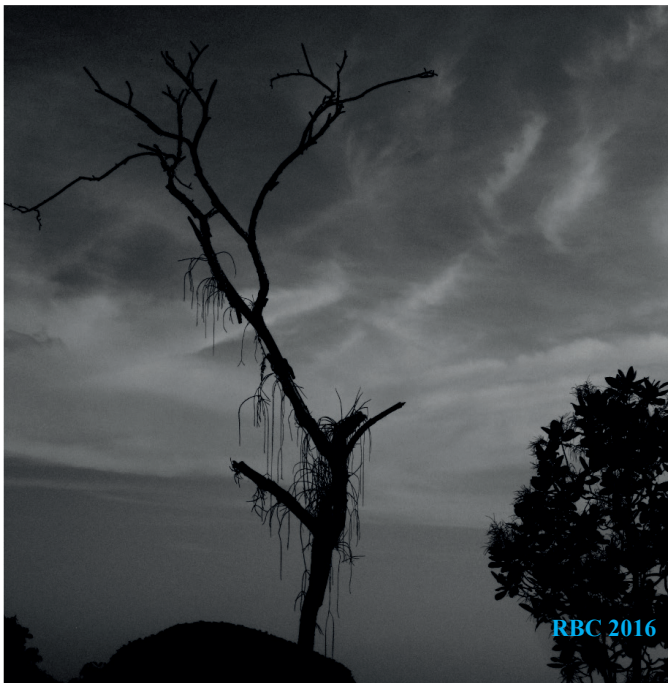
iniciativas religiosas: lançaram as bases para o nascimento da Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo (mais tarde, chamados Barnabitas por causa do nome de sua primeira igreja dedicada a São Barnabé em Milão); de seu ramo feminino, as Irmãs Angélicas e de uma associação leiga chamada dos “esposos” ou “casais”. Ao mesmo tempo eles prepararam o terreno para aquele que se tornou o tipo ideal de bispo segundo a reforma católica: São Carlos Borromeo, arcebispo de Milão.

O oratório da Eterna Sabedoria prosperou sob o patrocínio dos reis da França e se tornou um grupo de elite pela participação de prelados e personagens ilustres e assumiu, rapidamente a característica de um “seminário de todas as belas obras de Milão e assembleia de todas as pessoas com maior espiritualidade”. Numa época assolada por guerras prolongadas, como no início do século XVI, com frequentes desastres naturais e pelas insinuações das ideias luteranas, o esforço principal deste grupo foi o reflorescimento da piedade eucarística e o exercício da caridade para com os doentes. Em particular, os associados recorriam frequentemente aos sacramentos, se dedicavam a práticas ascéticas e penitenciais, à assistência aos atingidos pela peste, que surgiu na Lombardia em 1524.

A derrota de Francisco I em Pavia no ano de 1525, com a consequente passagem do ducado de Milão ao domínio da Espanha, tirou do *Eterna Sabedoria* o contato com seus coirmãos franceses simpatizantes das mesmas causas. Com a chegada, em 1530 do dominicano Frei Batista de Crema, de Santo Antônio Maria Zaccaria, médico e sacerdote de Cremona, e da condessa de Guastalla Ludovica Torelli, que se transferia para Milão depois de sua conversão, tudo estava pronto para que nascesse de fato uma nova congregação, ou melhor, como havíamos dito, uma pluralidade de

instituições.

De fato, junto com os dois nobres milaneses Bartolomeu Ferrari e Tiago Antônio Morigia, juntamente com Paula Antônia Negri, se tornaram um sexteto muito ardente e enérgico para exercer uma influência sobre o mundo religioso na Lombardia e no Vêneto. São estes os herdeiros naturais e continuadores do oratório anterior e fundadores de novas comunidades de tipo carismático e do inconfundível estilo paulino.



Que tempos! Que costumes! Quanta aridez!

Protagonistas do cenáculo milanês

Não é aqui o lugar para detalhar as dificuldades externas que marcaram o caminho deste grupo e dos seus seguidores, nem os traços biográficos dos seus protagonistas. É suficiente alguma pincelada no quadro para ilustrar o espírito e o clima que animavam este cenáculo de ascetas e de reformadores e para pôr no seu contexto a extraordinária figura da Negri.

Frei Batista Carioni da Crema (1460-1534), membro da ala reformadora dos Dominicanos, foi o verdadeiro inspirador, “o pai” e “o guia” do grupo milanês; um enérgico diretor espiritual que teve em sua escola dois Santos: Caetano de Thiene e Antônio Maria Zaccaria. Ele exerceu uma intensa atividade de pregador e de escritor de obras ascéticas, entre as quais quatro livros de grande valor: *Via de aberta verdade*, *Sobre Conhecimento*, e *Vitória de si mesmo*, *Filosofia divina* e o *Espelho interior*, obras que fomentaram gerações de almas religiosas e que, entre outras, foram leituras habituais da Angélica Negri. A cultura teológica e bíblica do frei não o fechou no convento, mas o projetou para o mundo, com um intenso apostolado que lhe permitiu converter a condessa Torelli e deixou os sinais do zelo aonde quer que passou.

Após a morte de Frei Batista, Antônio Maria Zaccaria (1502-1539) tornou-se a figura emergente dos “Paulinos, embora fosse o mais jovem e que morreria aos 37 anos. O seu pensamento e o seu carisma de Fundador dos Barnabitas e das Angélicas estão contidos em cinco densos Sermões sobre os primeiros mandamentos, pronunciados em Cremona quando ele ainda era leigo, animados por um rigoroso propósito de reforma e por uma forte oposição a um Cristianismo farisaico e superficial. Restaram, além disso, onze Cartas dele, escritas para exortar, orientar, inflamar os seus

discípulos para a santidade.

E por fim, um esboço das Constituições, escritas em 19 capítulos para os futuros Barnabitas, e nos quais está presente uma luta ininterrupta e vibrante contra os demônios visíveis, isto é, os tíbios, os quais são inúmeráveis”.

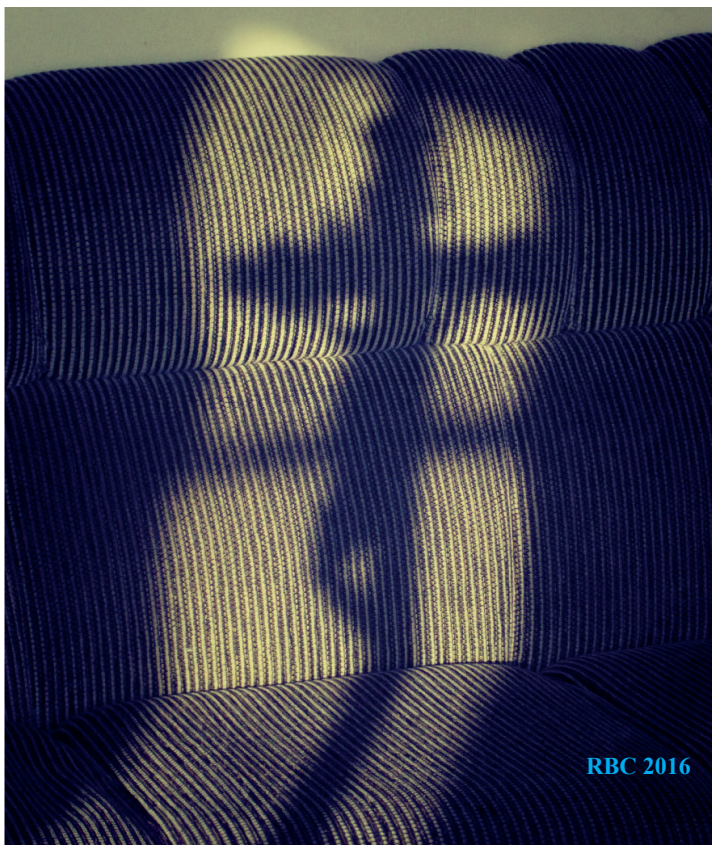
Após árduas missões no Vêneto, o Santo caiu muito doente em Guastalla, para onde tinha ido como um pacificador. Por toda a vida ele permaneceu um dos mais fervorosos admiradores e defensores da Negri: morreu em Cremona onde havia nascido.

Discípula de Frei Batista e penitente de Antônio Maria Zaccaria foi Ludovica Torelli (1500-1569), brilhante e infeliz condessa de Guastalla, mulher de excepcionais qualidades e de forte caráter. Ficou viúva duas vezes por causa de tragédias familiares e de sua vida mundana. Aos 27 anos ela mudou de vida e passou a empregar seu notável patrimônio em obras de beneficência.

Transferiu-se para Milão e, junto com Zaccaria e a Negri fundou o Mosteiro de São Paulo Convertido e se uniu às primeiras angélicas no apostolado nas cidades do Vêneto. Em seguida à visita apostólica que impôs a clausura, ela saiu do mosteiro e fundou em Milão um colégio destinado à educação de meninas nobres. Antes de morrer, teve a consolação de uma visita por parte de São Carlos Borromeo. Pode-se dizer que a Torelli foi a mais fiel amiga e quase irmã espiritual da Negri.

Além destas guias carismáticas, é necessário destacar a presença também de outros líderes que tiveram um papel notável no desenvolvimento do Cenáculo milanês, todos em relação muito estreita com a Negri: lembremos os dois veneráveis co-fundadores dos Barnabitas, Ferrari (1499-1544) e Morigia (1497-1546), um jurista e o outro matemático, ligados entre si pela amizade e por aspirações em comum; lembremos o padre Gian Pietro Beso-

zzi, superior geral dos Barnabitas por cinco vezes, que, no começo, estimou muitíssimo a Angélica Negri, mas depois se tornou o seu mais ferrenho adversário e acusador; lembremos a nobre senhora cremonense Giulia Sfondrati, irmã do Papa Gregório XIV. Não faltaram outras figuras e personalidades leigas que, em consonância de ideias e de ações, contribuíram para caracterizar a vida dos “paulinos” em sentido familiar e democrático.



A Reforma só se faz se refletir a presença viva de Cristo no mundo.

A figura de Paula Antônia Negri

No Cenáculo da Eterna Sabedoria sobressaiu a figura da Angélica Negri, uma fascinante personalidade de mulher e de religiosa, envolta em uma luz encantadora, por reflexos dramáticos e políticos. Parafraseando Manzoni, poderíamos dizer que ela foi “objeto de um ódio sem fim e de um amor arrebatador” em seus dias e também de uma intensa polêmica histórica: ovacionada por uns e posta sobre os altares e, em seguida jogada na poeira..

Por causa do seu elevado vigor ascético-místico não se pode hesitar em comparar a Negri com Santa Catarina de Sena pela autoridade moral, pela hábil influência sobre pessoas de todas as classes sociais, tornando-se uma irresistível conquistadora de almas. De fato, ela soube atrair a Deus uma fileira de discípulos muito fiéis, que lhe dedicaram incríveis provas de submissão. Mais tarde serão considerados, em sentindo irônico e pejorativo, como “os cavaleiros errantes da Negri”. Veremos quem realmente eram eles.

De fato, eclesiásticos e leigos homens do governo e do mundo se dirigiam a ela “como um oráculo” pelas excepcionais qualidades que lhe eram unicamente reconhecidas, a ponto de ser chamada “divina madre” e “divina mestra”. Sobre os Padres Barnabitas, as Irmãs Angélicas e os “Casais”, ela exercia habitualmente uma autoridade quase absoluta.

Nas crônicas domésticas dos anos de 1540, a sua figura sobressai como um monumento colocado num alto pedestal ou, para usar outra imagem que encontramos em páginas inéditas, foi considerada como “o fundamento” das instituições paulinas.

Nas reuniões comunitárias dos Paulinos que se realizavam cotidianamente na comunidade milanese, a Negri ocupava posi-

ção dominante e o seu parecer era frequentemente determinante. “Às vezes as presidia e, em cada caso, tinha o poder de decidir sobre qualquer problema de ordem espiritual, prático, econômico”. Deliberava pessoalmente acerca da admissão ou menos dos postulantes à vestição religiosa e dos noviços à profissão dos votos. A auréola de santidade que a circundava era alimentada de forma que chegava ao fanatismo, se for verdade que muitos se prostravam aos seus pés, lhe pediam a bênção e a permissão para comungar. Sabe-se que até uns sacerdotes lhe pediam a permissão para celebrar a Santa Missa...

É normal, pois, que a Negri enviasse algumas ordens quando se encontrasse fora de Milão; por exemplo, que se reze pelo bom êxito das suas viagens, das suas missões e por sua saúde. Em uma palavra a comunidade se dirigia “em tudo e por tudo à nossa divina madre”, como escreveu um cronista em 1544: *cada um, de fato, está convencido que ela “vê mais longe que os outros”*. Assim acontecia quando se discutia sobre iniciativas pastorais em Cremona, em Pádua, em Ferrara e em Brescia. Mas, logo que atingiu o auge de sua fama, a Angélica Negri começou a beber o cálice amargo da perseguição.

Estamos no início de 1551 e, em Veneza, os desconfiados chefes da “Sereníssima” acusaram Barnabitas e Angélicas de serem espíões do Governador de Milão, Ferrante Gonzaga. Em particular, a Negri foi acusada e apontada pejorativamente como “a general de uma e de outra congregação”. Qual foi a consequência imediata? A expulsão das terras vênetas, decretada em 19 de fevereiro. .

Razões de Estado e o desgaste público foram habilmente mascarados com uma denúncia em Roma por parte dos prelados venezianos da Cúria, que pintaram os “paulinos milaneses”, como

um covil de hereges, seguidores de doutrinas perigosas, que exigiu a presença de um visitador apostólico. O bode expiatório foi a Negri, de quem foi retirado o título de “divina madre” obrigando-a ao desterro no mosteiro de Santa Clara em Milão, com a proibição de manter contatos com os antigos confrades e coirmãs.

Por razão de saúde, ela foi obrigada a sair da clausura, mas aceitou “voltar para o mesmo mosteiro, querendo morrer obediente, antes que viver com dúvidas: teria obedecido ou não?”. Era 22 de março de 1555 e após poucos dias morreu com apenas 47 anos (04 de abril de 1555).

Mas quem foi, então, esta mulher única, no centro de um caso clamoroso que depois de cinco séculos, ainda é assunto que motiva discussões? Dizemos logo que não existe uma biografia crítica: muitos documentos que a elogiavam foram perdidos ou foram tirados de circulação ou permaneceram empoeirados nos arquivos. As escassas e fragmentárias notícias existentes são unicamente resultados das crônicas domésticas muito abundantes na década de 1544-1554; outras referências se encontram nas cartas da própria Negri ou de contemporâneos e em outros documentos contemporâneos. .

Certo autor têm até censurado ou ignorado umas páginas que não concordavam com as suas teses e utilizaram uma publicação violentamente negativa, como duas cartas polêmicas do padre Gian Pietro Besozzi.

A única tentativa biográfica foi de Giovanni Battista Fontana de Conti, publicada em Roma em 1576 como premissa para a coletânea de cartas da Negri. Trata-se de um trabalho apologético. Acolhendo com cuidado as afirmações sempre louváveis do autor e os episódios edificantes aí narrados, podemos aceitar com cautela as notícias que Besozzi não ousa contradizer. De tal modo, é

possível reconstruir as vicissitudes biográficas, pesquisando fontes sem preconceitos.



Basílica de Santo Ambrósio em Milão. Perto daí fica o local onde se reunia o Grupo da Eterna Sabedoria, cenáculo de Espiritualidade e Reforma, onde a Negri conheceu o Frei Batista e o nosso Fundador e a partir de onde pôde crescer e desenvolver sua notável capacidade, que tanto contribuiu para a obra da Reforma dos costumes.

De Castellanza a Milão.

A Angélica Negri nasceu em Castellanza, - que na época pertencia à província de Milão -, em 1508: não sabemos a data precisa. No batismo, recebeu o nome de Virginia que, ao se tornar religiosa, mudou para Paula Antônia por causa da sua grande devoção ao Apostolo e em honra do Santo abade Antônio, que segundo a tradição buscava as melhores virtudes em cada santo.

Os seus pais se chamavam Lázaro e Elisabete Doria, ambos de “boa fama”: o pai tornou-se professor de letras em Milão, enquanto que a mãe permaneceu em casa para assumir a educação dos filhos. Os cônjuges Negri, de fato, tiveram outros 3 filhos: um homem e duas mulheres. O primeiro, de nome Camillo, se tornou sacerdote barnabita, identificado numa antiga crônica como “jovem nobre e iluminado”. Em 1534, recebeu o hábito religioso das mãos de Santo Antônio Maria Zaccaria e em 1º de abril de 1537 celebrou a primeira missa no mosteiro das Angélicas.

Das duas irmãs, a mais velha, de nome Porzia, contraiu matrimônio, mas depois da morte do marido, se retirou no mosteiro das “Dimesse do Crucificado”, do qual foi eleita mais tarde priora. Esteve sempre próxima das Angélicas, tanto que participou com elas das missões em Vicenza, em 1537, sendo também lembrada em uma carta de Santo Antônio Maria Zaccaria.

A caçula, Ângela, entrou para as Angélicas e tomou o nome de Battistina. Morreu priora do mosteiro de São Paulo em 1550. Destas escassas referências pode-se deduzir que a família Negri, um viveiro de vocações para vida religiosa, devia ser um ambiente de profunda fé e de convicta piedade, exemplar nos costumes e no amor a Deus.

se Embora desde os primeiros anos Virginia mostrasse um

espírito pronto e vivaz, todavia mal sabia ler e escrever: porque não era de origem nobre, foi posta mais para as funções domésticas que para os estudos. Isto não é de se admirar porque, como se sabe, no passado o analfabetismo na Itália era comum, enquanto o estudo era privilégio das classes abastadas.

Pelo ano de 1520 os Negri se transferiram para Milão estabelecendo-se numa casa próxima do mosteiro de Santa Marta, sede do Oratório da Eterna Sabedoria. A proximidade com este centro de espiritualidade católica ofereceu a ocasião à família de conhecer personagens ilustres e de participar em obras de caridade e de devoção.

Virginia teve a sorte de encontrar monsenhor Giovanni Antônio Bellotti, bispo de Grenoble e confessor das monjas de Santa Marta: ele tornou-se o seu diretor espiritual e foi o primeiro a pôr no animo da mocinha “o desejo da perfeição”.



Igreja de São Júlio em Castellanza (Varese), terra natal da Angélica Negri

Encontro de almas

Sob a orientação do Mons. Bellotti, a Negri se dedicou com entusiasmo juvenil a uma vida de austeridade e de oração, mas quando Bellotti, em 1524, teve de afastar-se por razões políticas, ela entrou num período de crise. Foi a irmã, Porzia, que “tirou das mãos do inimigo” a jovem de 16 anos de idade, Virgínia; ajudou-a a reagir contra a dissipação e a voltar ao primeiro fervor.

Virgínia começou também a visitar os doentes nos hospitais, distinguindo-se pelo espírito de sacrifício e o desejo de fazer o bem: colocava-se à disposição de qualquer enfermo desprezado com tanta assiduidade, com bondade..., trazendo coisas que desejavam, mas cuidando mais de suas almas.

Apesar da jovem idade, a Negri foi provavelmente inscrita no Oratório da Eterna Sabedoria. Nós a vemos de fato praticar os mesmos exercícios de piedade que eram peculiar característica da associação: frequência aos Sacramentos, conferências espirituais, devoção eucarística, orações e penitências.

Em 1528 aconteceu o encontro com Frei Battista de Crema que, com a sua forte personalidade de reformador religioso, deixaria uma marca duradoura no espírito da Negri.

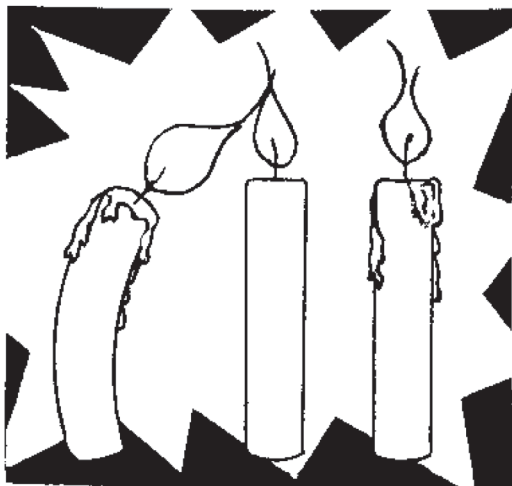
O Dominicano, intuindo e alimentando nela a laboriosidade da graça, a apresentou à condessa Torelli que, então, estava pensando fundar em Milão um mosteiro de religiosas de vida ativa. Virginia acolheu de bom grado o convite da nobre senhora para participar da realização do projeto e, junto com sua irmã Ângela se estabeleceram na casa da piedosa senhora, próxima da basílica de Santo Ambrósio.

Continuando sob a orientação firme e iluminada de Frei Battista, Virginia inicia com ardor uma nova etapa de vida espiri-

tual e ascética e, mesmo depois da morte do frade e a condenação de seus escritos, permaneceu fiel seguidora de suas diretrizes, discípula e admiradora de sua doutrina.

Por volta de 1532 aconteceu um outro encontro providencial: é a vez de Antônio Maria Zaccaria, então aos 30 anos e no pleno fervor da sua juventude sacerdotal. A convite de Frei Batista, ele se tornou confessor e diretor espiritual de Virgínia e das outras companheiras que, nesse ínterim se reuniam em torno da condessa de Guastalla. O Santo notou imediatamente aquela alma excepcional e teve a ideia de fazer dela a co-fundadora de um novo instituto. O plano parecia realizar-se quando, em 1535, o grupo se transferiu para o mosteiro de São Paulo, construído propositalmente pela Torelli, próximo à igreja de Santa Eufêmia.

Este mosteiro estava destinado a tornar-se um centro propulsor de reforma católica em Milão e a imagem de uma “Igreja renascida pela penitência, correção dos costumes e profissão de vida espiritual”. .



Converter-se a Deus é também ler o Evangelho e o explicar aos outros, como diz nosso Fundador no Sermão 3.

A origem das Angélicas

Nas suas memórias, a Angélica Àgueda Sfondrati nos transmitiu informações preciosas sobre as origens da congregação e sobre a aprovação, por parte da Santa Sé, de “um colégio de Virgens religiosas”. Para tal objetivo foram enviadas para Roma, desde 1533, umas “suplicas e relatórios” ao papa Clemente VII. “Mas, devido a sua morte, após a eleição do novo papa foram renovadas a Paulo III Pontífice Máximo, o qual *“concedeu a ereção do mosteiro e tudo aquilo que depois ai se fizesse, confirmando a esperança que tudo estaria nas mãos de Deus...”*”.

A bula pontificia trazia a data de 15 de janeiro de 1535, data oficial da aprovação das Angélicas.

“ *“Era feliz aquela pequena congregação que estava apenas começando e já se louvava a si mesma”*: era uma dúzia de jovens que, na escola de Zaccaria e dependendo da Torelli, se formavam espiritualmente para aquela tarefa reformadora dos mosteiros femininos, o que se tornaria a sua principal missão.

Em evidente contraste com a moda pomposa do século (em Milão dominava a pompa dos espanhóis e o luxo dos nobres), as primeiras Angélicas se vestiam muito humildemente e levavam uma vida austera e cheia de mortificações: era uma escolha incómoda e contestadora de tantas frivolidades e daquela “Tibieza” considerada *“a maior inimiga de Cristo Crucificado”* e que *“tão ostensivamente reina nos tempos modernos”*.

Não era raro encontrar pelas ruas da cidade o grupo destas jovens mulheres em hábitos de penitência: um véu de linho sobre o rosto, uma corda no pescoço, a cruz entre as mãos juntas ao peito.

Sem dar atenção às humilhações e desdém, elas visitavam

as igrejas, entravam nos hospitais, prestavam socorro às mulheres enfermas.

É claro que tal comportamento não podia passar despercebido: desencadearam-se algumas oposições por parte dos parentes da condessa e de alguns zelosos pregadores; os primeiros por questões de herança, os outros por razões de moralidade pública. Para obter “tranquilidade e paz e satisfação perante a Sé Apostólica”, a Torelli entrou com um processo: em outubro de 1534, o tribunal apurou que as culpas das Angélicas se reduziam a atos de “excessiva humildade e devoção, descobrindo que as suspeitas eram falsas e as opiniões não deviam ser consideradas”. Três anos depois, um novo processo se concluiu com uma sentença de plena absolvição.



Irmãs Angélicas de São Paulo: de Santo Antônio Maria Zaccaria à chegada no Brasil e daí em frente até onde Cristo puser o limite.

Uma jovem Madre-Mestra

Nesta “companhia de jovens”, Virginia e Ângela Negri mostravam-se as “*mais familiares e gratas*” à condessa Torelli porque “*se conduziam com êxito especial no serviço do Senhor, no conhecimento das coisas do espírito e geravam muita expectativa para quem as conhecia*”.

Em 27 de fevereiro de 1536, quando Milão enlouquecia com o carnaval, Virgínia recebeu o véu das mãos de Santo Antônio Maria Zaccaria; ela era a primeira das cinco Angélicas que davam início à vida regular e com a benção do Fundador. Naquela circunstância, Virgínia tomou o nome de Paula Antônia “pela profunda devoção e familiaridade que tinha para com o Apóstolo, cujas cartas ela tinha com muita frequência quase todas, na mente e sempre nelas meditava; conversava com frequência sobre o Apóstolo e colocava sob a proteção e o título dele, ela mesma e as suas companheiras”.

Uma semana depois, aos 28 anos, foi eleita pelo capítulo das irmãs como mestra das noviças que, naquele ano foram 24. A prestigiosa função tinha-se tornado necessária porque “cada dia entravam novas candidatas nesta milícia”; a escolha caiu sobre aquela “que era de espírito raro” e capaz de guiar as almas à perfeição.

O título de “madre mestra” que, daí em diante, identificou a Negri, servia para distinguir a sua função de mestra das funções da priora, das “Discretas” e das outras “Oficiais”. A função de Mestra sempre pertenceu à Negri mesmo quando se encontrava fora do mosteiro e não podia exercer este cargo pessoalmente.

No capítulo de 4 de outubro de 1536 ficou decidido que a Congregação assumiria o nome oficial de “Angélicas de São Pau-

lo” para recordar o dever de viver em “maior santidade, pureza e simplicidade” e “*de viver angelicamente na terra*”.

Para a realização deste ideal, Zaccaria e a Negri estabeleceram que não aceitariam no Instituto pessoas que não dessem plena demonstração de uma vocação generosa e provas concretas de perseverança e de disposição para um longo aprendizado.

Não há dúvida que a jovem mestra soube corresponder aos magnânimos propósitos do Santo na educação das noviças segundo o espírito e os ideais de austera santidade e de ardente apostolado que irmanavam as duas almas. Exigentes e severos, eles não se limitavam a exortar e ao encorajamento, mas recorriam frequentemente a formas de penitências e de humilhações adequadas para afervorar os corações e a imitar de perto o Crucificado.

Era natural que esta formação ascética devesse preparar as Angélicas para a atividade apostólica. Pioneiras entre todas as religiosas, elas não tinham a clausura, nem um tipo de vida contemplativa: na mente dos fundadores, tinham nascido para o apostolado e para a reforma. Em uma carta cheia de fervor, escrita em 26 de maio de 1537, Zaccaria as exortava com estas eloquentes palavras: “Ó filhinhas queridas, desfraldem as suas bandeiras que logo o Crucificado as mandará para anunciarem a vivacidade espiritual e o espírito vivo por toda parte!” Um programa maravilhoso que conserva intacta, ainda hoje, toda a função de vida e de apostolado.

Um mês depois, de fato, o Cardeal Ridolfi, bispo de Vicenza, pediu em Milão alguns Barnabitas e Angélicas para a reforma dos dois mosteiros da cidade, o das “Convertidas” de São Silvestre e de Santa Maria Madalena e o das “Silvestrinas”, e também para o revigoramento da vida cristã no povo.

Em Missão no Vêneto

Para esta missão foram escolhidas a Negri, a Torelli, e outras duas Angélicas, as quais, acompanhadas pelo Zaccaria, partiram em 2 de julho de 1537 para Vicenza. O seu zelo, e, sobretudo, a influência de Paula Antônia atingiram aqueles claustros e tiveram uma notável repercussão entre os nobres da cidade. Entre as conversões operadas pela Negri, conhecemos, em detalhes, a de Giovanni Folperto e de Isabella Godi, viúva do senhor Vincentini, e outros casos de volta para Deus que fizeram conhecer e apreciar a Angélica pelo seu “controle espiritual interior” e por uma rara penetração psicológica nas almas.

O cônego regular lateranense Serafino da Fermo, obedecendo ao convite da Negri, de “natureza firme e suavemente impositiva, publicou em Milão o tratado *Da Conversão*, com uma carta de apresentação “à reverenda e devotíssima Angélica Paula Antônia, por Cristo Crucificado Madre reconhecidíssima”, na qual atribui a ela o mérito de ter “transformado para melhor vida as senhoras Convertidas de Vicenza”.

Esta primeira missão, que durou até 1551, produziu copiosos frutos de bom: renascimento moral do clero e da população, propagação das Quarenta Horas Eucarísticas, reflorescimento da disciplina religiosa nos mosteiros, conversões e novas adesões à “Sociedade dos Casais”, vocações para a vida barnabítica. Temos os nomes de uma meia dúzia de padres vicentinos, atraídos para a congregação nestes anos, que se tornaram ardentes missionários em várias cidades da Itália.

As fadigas apostólicas assumidas tiveram também os elogios do Cardeal Ridolfi e também do Papa Paulo III.

Devemos destacar um fato muito significativo: Zaccaria e a Negri trabalharam sempre em perfeita harmonia e com a mesma

visão ao ponto de escreverem e assinarem juntos alguns cartas, declarando-se reciprocamente “pai” e “mãe” espirituais. Não causa estranheza, portanto encontrarmos a Angélica à cabeceira do Fundador moribundo em Cremona no dia 5 de julho de 1539.

Trata-se de um estreitíssimo laço, sobrenatural nem um pouco estranho na história da Igreja e na vida dos santos, basta pensarmos em Santa Clara com São Francisco, Santa Francisca Joana de Chantal com São Francisco de Sales.

Além disso há o fato que Zaccaria desde sempre intuiu a necessidade de unir à congregação dos Barnabitas a das Angélicas, alargando a obra reformadora do Oratório da Eterna Sabedoria, que era uma confraria mista, isto é, “composta por homens e por mulheres, que favoreciam muito a reforma da vida cristã em ambos os sexos; sendo assim, esta nova congregação, também mista não teria capacidade de fazer o mesmo se fosse apenas composta de homens e de padres”.

Após o sucesso satisfatório em Vicenza, é provável que a Negri se dirigisse também para Verona, para Veneza e para Pádua, ao menos por algum tempo e em função de visitadora: isso se deduz pela correspondência epistolar que, a partir de 1542, ela manteve com algumas personalidades destas cidades às quais escreveu com tratamento confidencial que faz pressupor um conhecimento pessoal anterior.

Em 1542, de fato, o bispo de Verona, mons. Gian Matteo Giberti, “grande modelo de prelados e luz ardente da Santa Igreja”, chamou as Angélicas confiando a elas o cuidado do hospital da Misericórdia e o Instituto de Piedade para os órfãos. Apesar das resistências de toda espécie, o trabalho das religiosas milanesas, já apreciadas, não se limitou a estas obras, mas se impulsionou até a “renovação dos costumes antigos e plantar os novos”. Foram

fundadas associações de leigos e aprovada a prática da comunhão frequente.

No início de 1544, também Veneza recebe um grupo de Barnabitas e de Angélicas com a tarefa de renovar todas as obras piedosas da cidade e, em particular para a direção do hospital dos Santos João e Paulo. É certo que, com a chegada da Negri em Veneza, em torno de 1548, a direção de tudo passou para suas mãos. Graças ao seu prestígio pessoal e ao seu incansável empenho, houve um grande florescimento de iniciativas apostólicas, animadas pela vibrante espiritualidade, em favor de cada classe de pessoas.

Um bom grupo de nobres mulheres venezianas colocou-se a serviço dela e não poucas entraram no Instituto das Angélicas.



A Divina Madre

Naqueles anos, Paula Negri havia chegado ao ápice de sua fama e autoridade: os resultados admiráveis que se atribuíram à sua atividade de apostolado e ao seu fascínio conquistador receberam a admiração da opinião pública, de prelados respeitáveis e, sobretudo, a veneração e a estima dos Barnabitas, das Angélicas e dos casais. Também aqueles que em seguida tornaram-se seus ferrenhos adversários, não hesitavam em “considerá-la como uma santa”.

É neste clima que muitos começaram a julgar-se seus filhos espirituais e a chama-la “divina madre”. No cenáculo milanês, onde se vivia uma intensa experiência ascético-mística, a sua figura elevava-se sobre todos; tal proeminência está documentada nos “Atos dos Capítulos” que nos oferecem um quadro direto e sincero da situação.

Para a compreensão do “fenômeno Negri” e dos acontecimentos que se sucederam, seja permitida uma observação. Entre os Barnabitas não faltavam certos homens de valor, provados pela experiência da vida no mundo: eles foram advogados, magistrados, médicos, boa parte de origem nobre; tinham estima pela carreira percorrida, pela profissão exercida, pelas vastas relações sociais, pela linhagem. Entrando na Congregação dos Clérigos Regulares de São Paulo não possuíam o sentido exato, nem a prática rigorosa da disciplina, que encontrava o seu eixo na obediência e na pobreza, eles deviam então submeter-se a uma iniciação severa, uma verdadeira prova de fogo para experimentar a autenticidade da sua vocação.

Pois bem, todos estes se confiaram completamente à guia da “divina madre”! Dois episódios ilustram melhor do que muitas

citações, o papel por ela exercitada no seio da comunidade.

É 29 de maio de 1544 e, após o ritual capítulo das culpas, “a nossa divina madre, começou a perguntar o parecer de todos” sobre a oportunidade, ou não, de aceitar na Congregação e de admitir à vestição religiosa o jovem veneziano Ângelo Michiel. “Ouvidos todos os pareceres e reservando o seu no intimo, antes ela fez ficar em pé aqueles que haviam dito sim e aí fez sentar estes e se levantarem os outros que haviam dito não, e o resultado foi empate na votação. Então ela se levantou com estes últimos, de modo que foi maior o número dos que disseram não. E assim se concluiu” negativamente.

Então a Negri, “com os seus divinos argumentos”, explicou as razões do seu não e decidiu suspender a vestição “para benefício e ganho espiritual” do jovem Angelo. “O que convenceu claramente a todos foi a demonstração, seja das qualidades do jovem, seja do seu proceder, de modo que todos e cada um se convenceram da mesma verdade e concordaram com a sua sentença”.

Mais tarde, “por ordem da nossa madre”, foram abrandadas as penitências que anteriormente foram destinadas a Michiel. Pois, interrogado, “ele se dirigiu à madre, rogando-lhe que intercedesse para que ele fosse aceito. A Negri respondeu: “com muito prazer” e “pondo-se de joelhos”, rogou a todos que o aceitassem de bom grado entre nós, acrescentando: “não digo sobre a vestição porque não me parece ainda o tempo oportuno, a não ser que o vejamos mais mortificado. E assim, respondeu a ele que, devido ao seu amor, ela se alegrava em aceitá-lo e que fosse um de nós”. Foi então acolhido “com grande afeto, com abraços cristãos e com palavras cheias de caridade e consideração, de modo que cada um chorava de ternura”.

Encorajado pelo resultado favorável, Ângelo pediu também

a graça de vestir o hábito barnabítico. Mas, a nossa mãe lhe disse: “Contentai-vos por ora com aquilo que tivestes... e fazendo-lhe muitas exortações e admoestações foi dispensado”.

No mesmo dia ocorreu outra cena significativa, que demonstra qual conceito a Angélica tinha e como o cronista comenta espontaneamente o fato. “Todos foram para a igreja e aí retomaram os pareceres acerca da profissão de Gerolano Marta” (um convertido de Vicenza, que se tornaria superior geral dos Barnabitas por duas vezes e colaborador de São Carlos no campo pastoral). *“E a nossa divina mãe, com seu olhar agudo e penetrante, desejando que ele lucrasse ainda mais espiritualmente, disse não querer dar a ele o seu voto se não lhe promettesse adquirir um espírito invencível, uma caridade incansável para com o próximo e uma alegria santa. Ele o prometeu com toda abertura de coração e então ela consentiu que fizesse a profissão...”*.

Então Marta pronunciou os três votos “substanciais de pobreza, castidade e obediência” e “foi abraçado por todos com afeição e caridade benigna”. A assembleia se retirou em silêncio. “E a divina mãe voltou para o seu lugar sagrado, deixando-nos a todos com desejos ardentes de professar por causa dos testemunhos salutares que nos foram dados. É muito cego quem não conseguir obter alimento e substância divina de todas as ações da mãe, já que se vê claramente Cristo habitar nela pela graça e realizar por meio dela coisas admiráveis, e sobre ela ter fundado e provido todo este edifício de Paulo (a Congregação de São Paulo)”.

Uma presença viva e ativa

Sabemos que geralmente a Negri morava no mosteiro de Milão, mas realizou frequentes viagens para animar e levar em toda parte a chama da “renovação do fervor cristão”. Nos anos de 1544 a 1546 podemos localizar muitos dos seus deslocamentos: em Cassina di Baggio, em Cremona, em Treviglio, em Peschiera, em Verona, em Vicenza. Em 28 de janeiro de 1545 ela mandou para Milão três postulantes venezianos, que estavam “sob sua tutela, sob o estandarte de Paulo Santo para servir a Jesus Cristo”.

Em junho de 1544, voltou para Milão devido à morte do venerável Ferrari; participou depois dos capítulos para a eleição dos novos superiores; esteve presente na inauguração da casa de São Barnabé, sede definitiva dos padres; assistiu e “consolou” os últimos dias de vida do padre De Caseis em Milão e do marquês d’Avalos em Vigevano.

Em 28 de abril de 1546 teve lugar na nova igreja de São Barnabé um histórico capítulo no qual foi eleito para o cargo de superior geral o padre Gian Pietro Besozzi com o voto determinante da Negri e da Torelli.

Anota o cronista: “*Vendo ele que tal era a vontade do Espírito Santo e da nossa divina madre, embora por humildade se julgasse indigno... se entregou com toda confiança no Crucificado e nas mãos fiéis da nossa divina madre*”. Então se deitou por terra diante do Santíssimo Sacramento, imitado por todos que rezaram em alta voz pelo novo eleito, para “a honra do Senhor nosso e pelo contentamento da madre que anseia sempre mais por um contínuo desejo...”.

No mesmo dia, Bartolomeu Soriano fez a profissão dos votos “como desejou a nossa divina madre”. Em outras ocasiões se

declarou com agrado que “por graça de Deus nos foi concedida a presença da nossa divina madre”.

Em 2 de maio, oitava da Páscoa, após a Missa solene celebrada pelo Bispo Monsenhor Crivelli, auxiliar e visitador da diocese de Milão, o padre geral dos Barnabitas recebeu a obediência de “todos os filhos de Paulo Apóstolo não sem a presença física da nossa divina guia e madre..., a qual lembrou que seria bom naquele dia, que no momento da oração das vésperas começava a solenidade da Santa Cruz e que ele, reverendo padre, levasse a cruz até a nossa casa e nós todos o seguíssemos vestidos com roquete, e assim foi feito”.

No dia seguinte, a profissão religiosa de três noviços, foi realizada “nas mãos do nosso reverendo padre geral e da nossa divina madre”.

Em novembro de 1546 a Negri foi visitar as missões do Vêneto e o padre Besozzi “ordenou que se procurasse uma oração para ser rezada na missa pela viagem da nossa divina madre”. Foi-lhe indicado o postulante Giulio Topolo para executar, depois, “o que fosse decidido por ela”. Em 20 de dezembro foi lida em comunidade uma carta da divina madre escrita de Verona acerca da situação de Lorenzo Davidico e foi feito quanto ela escreveu, isto é, que por causa dos defeitos dele, fosse privado do nosso hábito.

Mais um testemunho direto sobre as conquistas espirituais operadas pela Negri neste período: trata-se, desta vez de cinco jovens patrícios, dois venezianos, dois veronenses e um vicentino, os quais “vindos com a nossa divina madre, em Jesus Cristo e a ela confiados por Ele” (isto é: entregues à Negri em confiança por amor de Cristo), os cinco jovens desejavam “abandonar o mundo e servir perfeitamente a Deus”.

Em 28 de fevereiro de 1547 soubemos que o Cardeal Pisa-

ni, bispo de Pádua, havia oferecido “O lugar e o mosteiro de São Marcos à nossa divina madre e mestra para colocar as Angélicas de São Paulo”. O capítulo de Milão se mostrou favorável, “*pois todos concordaram com o parecer da nossa divina madre*”.

Em 8 de março os padres decidiram esperar a vinda da Negri “para aceitar em casa o senhor padre Castellino”, isto é, o famoso Francesco Castellino da Castello, iniciador das “Escolas da Doutrina Cristã” na Lombardia e precursor de São Carlos Borromeu.

Alguns dias depois enviaram Alberto Cimerlino para Verona “*Onde fique ao dispor da madre mestra*”. Em maio a Angélica escreve para Milão solicitando ajuda “para o empreendimento de Veneza” e anunciando antecipadamente o seu retorno. O capítulo discutiu se lhe mandaria um ou dois padres, mas depois se decidiu “não o fazer, mas que a nossa divina madre, estando presente aí, providenciasse bem a isto”. Pouco mais tarde, ainda uma vez se remeteram “em tudo à divina madre mestra” sobre o modo de celebrar a festividade de São Paulo e a primeira Missa de Giovanni. Maria Malipiero.



Podemos afirmar que a Angélica Negri salvou e continuou a obra da Reforma iniciada por Frei Batista de Crema e por Santo Antônio Maria Zaccaria

Agitação na comunidade

Seria cansativo transcrever todos os textos dos antigos atos capitulares que citam a Negri e enfatizam sua liderança em cada circunstância. Nós nos detivemos neles de propósito por alguns motivos: antes de tudo, porque é a primeira vez que ganharam destaque. De fato, é estranho que os historiadores do passado os tenham em grande parte ignorado ou omitido; depois porque alguém tentou corrigir ou cancelar de alguns manuscritos as siglas “D.M.M”, substituindo-as, por exemplo, o D. (=Divina) por R. (=Reverenda); e por fim, que ninguém duvide do valor destes claros testemunhos em favor da Negri, que têm o tom da simplicidade e da verdade.

Retomando o fio da narrativa, em julho de 1547 encontramos a Angélica de volta para Milão, onde explodiu “o caso Tiepolo”. Uma certa inquietação se alastrava na comunidade, sobretudo entre os postulantes vindos do Vêneto com a Negri.

O cronista, conciso como de costume, escreveu bastante relatando as vicissitudes patéticas de Giulio Tiepolo, que contava entre os seus antepassados dois governadores de Veneza. Tiepolo “há muitos dias estava angustiado porque tinha inveja e lhe parecia que a nossa divina madre, não levava em conta como ele e seus outros colegas com os quais tinha vindo para Milão. Havia decidido voltar para casa para servir num hospital. Interrogado pelos padres, rebateu que “aqui entre nós não estava satisfeito com as falas das mulheres (isto é, da Negri, da Torelli e da Sfondrati, presentes no capítulo). Naquele momento, de nada valeram as admoestações, as lágrimas e as orações, nem a conversa com a nossa e sua madre”.

Esta história continuaria nos meses seguintes, assumindo

tons quase dramáticos. O Tiepolo, de fato, se arrependeu “ao conhecer que a sua tentação era diabólica”, causada pelo “mal da serpente da inveja”; então ele resolveu “permanecer aqui e viver e morrer” e implorava para ser admitido à vestição o quanto antes, e prostrado por terra, suplicava por misericórdia, pedindo a todos perdão pelo escândalo provocado. “Este capítulo – conclui o cronista na data de 25 de agosto de 1547 – ficou na memória para se compreender, o quanto pode quem com fé bater na porta da divina misericórdia e quanto pode a virtude da nossa divina guia junto a Deus...”. Em seguida, todavia, o Tiepolo “foi afastado da comunidade de São Paulo, para que não contaminasse, com seu mau exemplo, os outros”!

Poucos dias antes, também um sacerdote de Bolonha, “doutor em letras”, não foi acolhido “porque o proposito da nossa divina madre e nosso também, não é de admitir entre nós nem frades, nem padres”.

Outra recusa veio, ao menos num primeiro momento, acerca da tarefa das Convertidas de Brescia: concluímos ser bom “confiar-se em tudo e por tudo à nossa divina madre, que respondeu não”, e assim foi escrito a Brescia. Mais tarde assumimos um compromisso: devido às insistentes súplicas do “nobre homem bresciano, apesar da decisão contrária da nossa divina madre, a qual, acreditamos, enxerga mais longe que nós”. O capítulo propôs outra iniciativa de reforma, que foi até o fim graças “às orações que comoveram cada um de nós”.

Digno de nota foi o parecer favorável da Negri para a aceitação da “missão de Ferrara”, onde Barnabitas e Angélicas se empenharam em obras apostólicas de 1547 a 1555. Muito significativo o fato que, para revisão das constituições de Frei Battista da Crema, recordamos a condição implícita que nenhuma regra

poderia ser “confirmada e aprovada” sem a presença da “divina madre”.

De setembro de 1547 a abril de 1548, a Negri ausentou-se das reuniões capitulares, porque estava em visita ou porque estava doente.

Todavia a sua influência foi notada mesmo estando ausente, quando em 19 de outubro o capítulo discutiu se permitiria a um certo Adriano “fazer o voto público de castidade”, já que muitas vezes ele “havia escrito sobre isso à nossa divina madre..., para o conhecimento muito real e belo desta virtude que lhe fora concedida pela divina madre”.

Parece-me importante relatar uma “autêntica ordem” que a Angélica enviou para Milão: trata-se de uma “carta da nossa divina madre dirigida a todos os filhos de Paulo Santo” que foi lida publicamente no capítulo de 29 de outubro. Nela, após ter apontado “os defeitos de muitos”, rogou e exortou “a castigar e corrigir todos os defeitos, nem tolerá-los por uma falsa piedade”, e a desenraizar da congregação “as plantas corrompidas, para que o veneno não se espalhe para os demais”.

Eis um outro sintoma do fermento que estava incubado na comunidade. A consequência imediata é que “para executar a vontade santa da nossa divina madre” se aumente o rigor na demissão dos postulantes. E eis o afastamento de um certo Ottaviano, “por não ser digno de estar entre os filhinhos de Paulo Santo..., embora ele pedisse fervorosamente misericórdia”; aqui estão as acusações a três noviços “de haver murmurado contra a casa e de reclamar dos padres e da nossa divina madre”.

São afirmações duras que revelam uma atitude de extrema severidade (que explica, entre outra, porque os Barnabitas foram sempre “poucos, mas bons”) e um ambiente onde não era fácil

perseverar, porque “estes homens espirituais eram especialistas em mortificar e admoestar cada pessoa que os procurasse e tivesse o desejo de viver cristamente”.



Não sejam invejosos! Cada um faça o que lhe compete.

Um grande discurso

Em 28 de abril de 1548, a crônica doméstica descreveu uma cena plástica numa página inquietante pela admirável linguagem: a Negri se levanta em meio à assembleia, interroga alguns dos presentes, admoesta e censura, impõe penitências, e depois “deramando lágrimas” abraçou a cruz e falou demoradamente (é um grande discurso), rezou fervorosamente, foi “arrebatada em êxtase” e dialogou com o Senhor, quase em êxtase.

Mais uma vez constatamos o poder desta mulher de dominar uma multidão de sacerdotes, que dependiam literalmente de suas palavras. Citamos este documento, redigido a mão pelo padre Raimondi, testemunha ocular e defensor entusiasta da “divina madre” mesmo quando, em 1556, por causa dela, ele suportou a prisão em Roma.

O capítulo está reunido na igreja de São Barnabé e estão todos os presentes, com a Negri e a Torelli. O vigário da casa padre Giovanni Battista Soresina, se ajoelhou diante do Santíssimo e diante do padre geral Besozzi, como também da já mencionada “divina madre” a qual, estando toda dedicada no interesse espiritual dele e no benefício geral de todos os seus filhinhos, começou a interrogá-lo por qual motivo não havia exercido o seu ofício com a mesma prontidão zelosa e compassiva descrição, apesar de muitas admoestações feitas a ele muitas vezes sobre tal matéria.

Em seguida, falando com fundamento, com palavras claras, deu conhecimento a ele da gravidade do seu erro e, tendo-o caridosamente repreendido, perguntou aos presentes que penitência lhe devia dar. Tendo todos dado o seu parecer, ela levantou-se do lugar onde sentava e, o próprio Giovanni Battista, segurando a cruz em sua mão, começou a falar com um rosto e um jeito quase

divino e convincente, que apareceu claramente para todos o poder que Cristo tinha sobre aquela alma. Com palavras que se viam proceder das íntimas entranhas da verdadeira caridade, a Negri começou a exercer uma severa, mas piedosa justiça sobre Giovanni Battista, que o deixou, - por causa daquela autoridade materna que Cristo lhe tinha dado sobre ele -, sem luz e compreensão da verdade, uma vez que ele tinha sido muito negligente; e lhe disse mais que por tal falta jamais teria o conhecimento da verdade, mas estaria sempre enganado, e esta falta lhe tirou a pureza da mente, deixando-o nas tentações da carne, o deixou como o mais fraco de todos e as suas orações, sacrifícios, lágrimas e qualquer outra coisa se tornaram abominação perante Deus. Tais coisas devem ser rejeitadas por Deus. Então, dirigindo-se ao capítulo inteiro, ela rogou a todos com grande insistência, que não fossem piedosos para com o Battista, mas severos no Espírito de Deus, que de outra forma eles seriam responsáveis da Carne e do Sangue Santíssimo de Cristo; e com uma santíssima humildade, ela suplicou que todos rogassem que Cristo, com sua poderosa mão, confirmasse em Giovanni Battista e no capítulo o quanto ela tinha feito, rogando com lágrimas ao Senhor que as coisas feitas por Ele não permitisse que ficassem vazio. Além das coisas mencionadas, foi ordenado que Giovanni Battista ficasse privado da Missa e da Comunhão, enquanto não tivesse com a oração e o diligente exercício de portaria (ele era o porteiro) suplicado para reaver o seu primeiro cargo de vicário; ele deveria sempre ter em mãos a cruz estando na portaria.

Em seguida, a divina madre, voltando os olhos outra vez para Giovanni Battista, com inflamadas lágrimas que não podia mais conter, demonstrando que agia e falava com íntima caridade e de todo o afeto do coração, lhe disse que não considerasse as coisas assim tão levemente. Depois disso, deixando de lado

Giovanni Battista, foi eleito o novo vicário, Paulo Antonio Maria, que com muita efusão de lágrimas e abraçando a cruz, se uniu a esta mesma cruz e assim a “divina madre”, estendendo a sua casta mão sobre a cabeça de Paulo Antônio Maria e o admoestando antes a tomar consciência do dano feito pelo vicário anterior, o ameaçou com as mais cruéis sentenças se ele cometesse faltas iguais ou piores, que no seu proceder não olhasse para afagos ou esperasse um rosto agradável, mas que apegando-se à cruz, por amor a ela procedesse, com puro respeito a Cristo Crucificado, colocando a sua confiança em Cristo. E se alguma vez lhe faltasse dinheiro, recorresse ao Crucificado com fé, rogando-Lhe que por não ter nada, que o satisfizesse com um pedaço de sua carne despedaçada; pensando que, se os irmãos murmurarem ou não se convencerem, será por sua causa, porque isso é sinal que ele não agiu por Cristo; mas se agir por Ele e com confiança Nele, os outros ficarão alegres, mesmo que, se lhes fosse oferecido um chinelo assado; se eles tiverem amor pela pobreza, não murmurarão, mas se alegrarão pelo pouco ou muito que tiverem.

Voltando-se para o Senhor, mesmo chorando, e com palavras eficazes ela dizia: *“Eu te rogo, Senhor, que tu lhe concedas força pela força que tiveste no abandono”*; depois rogou que todo o contrário que tinha condenado em Giovanni viesse sobre Paulo Antônio Maria., e todas estas graças que Giovanni Battista poderia ter conseguido, que Paulo Antônio Maria as conseguisse; e acrescentou que se nunca tivesse desejado luz, fogo, graças, virtudes, bênçãos para algumas pessoas, que o Senhor se dignasse infundir em Paulo Antônio Maria., admoestando-o para que abraçasse verdadeiramente a cruz, e agisse com ela e desse modo purificasse todas as suas ações; que se recordasse que ele era o corpo do reverendo padre proposto, as suas mãos e os seus pés, rogando ao mes-

mo padre proposto que o encarregasse de todo tipo de trabalhos.

Em seguida, a Negri se dirigiu ao reverendo padre proposto, que fora confirmado novamente, admoestando-o a querer com mais diligência o proveito de seus filhinhos, deixando o quanto antes de cuidar de outras coisas fora da comunidade, que ele ouvisse os discretos (conselheiros) com diligência e paciência e que cada um deles falasse sobre os assuntos da casa; que ele, ao ser procurado pelos outros por causa da necessidade de alguém ou de qualquer coisa importante, comunicasse aos capítulos e deixasse de lado qualquer outra coisa segundo o parecer deles, por exemplo: quando houver desobediência ou se tratar de uma alma fortemente tentada, ou expressamente desobediente, ou se tratar de falta de fervor na casa. E mais: caso haja faltas nos casos citados antes, o reverendo padre superior, os discretos, todos em capítulo podem decidir tirar a Missa do faltoso, embora fosse afirmação de todos que não se fizesse isso sem a participação da madre.

Em seguida, dirigindo-se aos discretos, admoestou-os para cuidarem da casa em união com o padre superior; que perguntassem ao Crucificado, na santa oração e com familiaridade aquilo que deviam fazer, mais do que por cuidado próprio ou dos de fora; que eles deveriam ser prudentes considerando a situação das pessoas: ora repreendendo com amabilidade ora bajulando, com discrição e, providenciando o que for necessário; lembrem-se de que são colunas da casa e que deveriam ser como quatro lâmpadas que brilham continuamente diante de Cristo; que ensinassem mais rápido com os fatos do que com as palavras e cada um deles se ocupasse em ajudar um ao outro, sendo ou não o responsável da semana, não por necessidade, mas por amor.

Tendo dito isso, ela se ajoelhou diante do Santíssimo Sacramento com uma caridade cheia de fervor e com grande desejo de

renovar a casa inteira e de toda a Igreja de Cristo; e começou a orar com grande e ardente afeto, proferindo algumas palavras com a sua boca santa para acrescentar força e virtude ao reverendo padre superior, ao padre vicário e aos discretos, pela renovação da Igreja. E orando dessa forma, aquela alma bendita foi arrebatada pelo Espírito Santo em êxtase e assim ficou por um bom tempo, ao orar parecia que dava resposta ao Senhor que lhe falava sobre o assunto tratado; e respondendo dizia: “*Pronto, Senhor, olha dentro de ti mesmo; concentra-te em ti mesmo que encontrarás cada coisa em ti mesmo*”; e depois acrescentou: “*que vá embora a honra, que vá embora a vida, que se vá a alma, que se vá a si mesmo, que se vá a alma*”

Sendo assim, voltando a si pouco a pouco, com humildes, reverentes e ternas palavras e modos, que traziam muitíssima devoção a todos, desviou seu olhar do Senhor, e inclinando-se sempre mais, pediu-lhe a bênção e repetindo várias vezes: “*Olha lá. ein! Olha lá. ein! Olha lá. ein! Olha lá. ein! Olha lá. ein!*”.

E assim, “*pouco a pouco voltou a si e frequentemente se referia aos ofícios considerados anteriormente dizendo, para grande consolação dos presentes, que Cristo desejava, Ele mesmo, confirmar os mesmos encarregados [dos ofícios]. E com isto terminou aquele dia*”.

Três casos impressionantes

Com a chegada do verão de 1548, a Negri, fraca e doente, se recolheu a uma casa de veraneio em Zuccone na Brianza, onde ficou alguns meses de repouso para revigorar-se naquele lugar tão agradável e saudável.

No capítulo de 05 de janeiro de 1549, estando ainda ausente a Angélica, Francesco Maria Zonca narrou a história da sua vocação: primeiramente o papel desempenhado pela “divina madre” para ajudá-lo a vencer “uma intensa tentação de instabilidade” que o havia atormentado três anos antes em Veneza. A Negri o chamou dizendo-lhe: “Mas Francesco, tens bom animo e cuidas do teu progresso espiritual; nem pelas tuas falhas queiras te assustar, porque eu tomei esta carga sobre meus ombros. Com semelhantes e outras doces palavras, com a força divina e com seu supremo poder, te aliviou toda tentação e, quando ela foi embora, te deixou em paz, quieto e alegre”.

Num segundo momento, no entanto, pareceu a Francesco “que ela não tinha demonstrado sua bondade e benevolência como antes, por isso se afastou dela e do padre superior e de todos”. Seguiu-se uma longa confissão na qual Zonca se acusa de pensamentos, dúvidas, intolerâncias para “diversas coisas” que “a nossa reverenda madre” lhe ordenava; ele lembra as viagens feitas a Veneza, sua pátria, o encontro patético com o pai e o irmão; a continua inquietação em Milão, “apesar dos benefícios recebidos de todos, as privações, cansaços, dores e gemidos da nossa reverenda madre”.

Muitos confrades sugeriram ao Zonca “que se humilhasse interiormente diante de Deus e do espírito da madre”; outros, “com lágrimas e soluços, suplicavam-lhe que se doasse e confiasse em

Jesus Cristo e na nossa reverenda madre”. Ele, porém, insistiu e aumentou as suas acusações contra a Negri, chegando a tal ponto de desespero que “até a sua memória, dizia ele, lhe seria mais que o inferno, tanta pena ele sentia”! Parecia-lhe, de fato, “que a nossa divina madre” lhe desejasse mal e que procurasse ser ruína para ele, a fim de expulsá-lo para fora de casa, tamanho o desdém e o ressentimento que sentia contra ela...”.

Para terminar, Zonca, “rejeitando a opinião que tinha a respeito da nossa divina madre, e agradecendo a ela pela mão que lhe dera, humilhando-se e unindo-se a ela decididamente e com o desejo de tomá-la como sua ajuda, prometeu nunca mais afastar-se da obediência”.

Outro caso teve como protagonista a própria Angélica. Em 8 de maio de 1549, o padre Besozzi foi reeleito superior geral dos Barnabitas, mas de maneira bastante surpreendente. O cronista escreveu assim: “*A nossa divina madre nos deu liberdade de podê-lo confirmar se isto nos parecesse bom e prático. Isso ela não havia feito nos outros dois capítulos anteriores, alegando agora ter muitos cargos e pesos...*”.

No dia seguinte, já com a presença da “nossa divina madre”, o capítulo negou a faculdade de emitir a profissão dos votos a Paulo Timoteo Groppello, motivado, sobretudo pela “nossa divina madre, a qual falou admiravelmente dos erros e necessidades, de remédios e de virtudes”.

Um terceiro episódio impressionante envolveu o padre Gerolamo Marta, que se tornou depois sucessor do padre Besozzi, como chefe da congregação. Aconteceu aos 4 de junho de 1549: Por ordem da “nossa divina madre”, na presença de toda a comunidade, o padre Marta foi obrigado a despir-se dos seus melhores hábitos e a queimá-los no jardim. “*fizeram que tirasse secretamen-*

te em um quarto todas as roupas que vestia, e depois na presença de todos, obrigaram que ele mesmo as queimasse publicamente no jardim, em vista da sua maior humilhação e vergonha, como exemplo para os outros e por vingança; e também por causa da sua insensatez e tibieza consciente, imprudente e cega ao se deixar vestir deliberadamente pela diretora do hospital, onde ele estava”.

Em 30 de outubro do mesmo ano a Negri partiu para Cremona para a abertura de um novo mosteiro das Angélicas, fundado por uma piedosa viúva, Valeria degli Alieri, parente da família Zaccaria. A tarefa da “reverenda madre mestra foi o de orientar as monjas e colocar em ordem o lugar, ela estabeleceu ainda várias provisões e ordenações que diziam respeito a uma maior utilidade para elas”.



O sino convoca para participar, para se alegrar, para rezar

Desencadeiam-se as perseguições

Entre 1550 e 1551 é difícil seguir todos os deslocamentos e a intensa atividade da Negri: Milão, Zuccone, Veneza onde, como sabemos, uma grande missão foi iniciada desde 1544. Foi justamente nesta cidade da Laguna que se desencadeou uma feroz perseguição contra ela.

Tendo em vista o bem que ela poderia fazer em Veneza, a Negri esteve na cidade muitas vezes, permanecendo aí por um bom tempo a cada vez e teceu uma rede de amizades com pessoas influêntes, a ponto de deixar em alerta o governo da Sereníssima.

A fama da Negri chegou ao máximo em Veneza, admiradores e devotos a assediavam e lhes manifestavam a sua estima de forma que, mais tarde, se tornariam os principais motivos de acusação contra ela.

Um historiador moderno levanta a hipótese que *“a Negri tenha começado a ultrapassar os limites da discrição e do amor à humildade que convêm a uma religiosa, todavia é preciso dizer que, no começo, estas suas maneiras, singulares ou não, foram notadas ou julgadas por muitos como uma pronta e forte desculpa para o excesso dos dons que certamente Deus lhe havia concedido”*.

Um autor contemporâneo, ao contrário, revela presumíveis erros teológicos ensinados por ela: *“Esta astuta mulher dizia ser bom que nossas mortificações não aparecessem para o mundo porque o mundo, ao provocar com seu aplauso a vaidade, comprometeria o mérito”*. .

Se a outros as ações da Negri excessivamente autoritárias podiam parecer dignos de censura, ela tinha pronta uma boa resposta, dita pelo Frei Battista, que todos admiravam: *“A intenção*

salva tudo”.

As flechas dos adversários foram apontadas, sobretudo, contra o caráter orgulhoso da Negri: “*Habituada a mandar, não sabia abaixar a cabeça diante das boas razões dos outros; habituada a ser considerada como uma soberana, ela queria mandar também lá onde menos lhe convinha*”, por exemplo, no Hospital dos Santos João e Paulo, “*chegando a despedir sumariamente quem não lhe agradasse...*”.

Ora, devemos dizer antes de tudo que a Angélica procurava esquivar-se de uma situação que se tornava sempre mais complicada, mas a convicção dos venezianos sobre sua santidade estava de tal modo arraigada que, qualquer ação que ela realizava, era interpretada favoravelmente e considerada louvável. Tal comportamento se explica pelo fato que os admiradores eram pessoas influentes e convertidas pela Negri, cujo fascínio espiritual devia ser extraordinário.

A Angélica Sfrondrati não atesta que a Negri tenha usado formas insolentes e prepotentes. Enquanto, se difundiam as discussões sobre os motivos que teriam determinado a expulsão dos Barnabitas e das Angélicas de Veneza, não temos uma única palavra contra a Negri, nenhum indício indireto de suas responsabilidades.

O antigo e biógrafo dela traz outra versão: os atos para homenageá-la eram tão insistentes e cansativos que acabaram por perturbar e impacientar a interessada. “*Vinham a ela grandes senhores e, comovidos pela extraordinária aparência de ver uma venerável virgem tão grata a Deus, ajoelhavam-se e pediam bênçãos*”. Então ela, do íntimo do coração, tanto se afligia que, podemos dizer, perdia a paciência e dizia: “*Por favor, fiquem de pé, levantem-se pelo amor de Deus, caso contrário lhes prometo nunca*

mais me visitarão. E ficava tão mal em seu espírito que às vezes se afastava deles”.

Um dia a Negri teria recusado receber o nobre Giacomo Foscarini, e este, por vingança, teria estourado um “casus belli”, que provocou depois o decreto de expulsão de todo território vênето. Com um memorial ao Senado, o indignado patricio teria acusado aqueles homens e mulheres forasteiros (vindos de Milão) de serem espiões de Ferrande Gonzaga, governador de Milão.

Os contemporâneos e os historiadores estão perfeitamente de acordo sobre o fato que esta manobra foi um simples pretexto para esconder os verdadeiros motivos de natureza política. Até a alma inocente da Sfrondati na sua crônica doméstica, direta e sem grandes pretensões, se prolonga, que não era seu costume fazer, ao explicar as razões políticas pelas quais “*a divina Mestra aceitou passar pela mesma provação dos seus servos e interromper prontamente seu projeto.*”.

A condessa Torelli percebeu “que o surgimento desta tempestade se deveu”, à sua grande amizade com o Gonzaga e com sua mulher. Havia vendido para eles o seu feudo de Guastalla, verdadeira fortaleza às margens do Rio Pó, de grande importância estratégica para o ir e vir dos navios venezianos. A “mulher do Governador”, pois frequentava assiduamente o Mosteiro das Angélicas de Milão, acolhia as senhoras venezianas que vinham para visitar o mosteiro e as suas filhinhas que se tornaram religiosas: “*Estas considerações parece que deram ocasião aos senhores desta famosa cidade, que sempre foram zelosos e muito prudentes em favor do seu Estado, e para cortar estas amizades para ter maior segurança*”.

A este quadro realista se deve acrescentar uma campanha impressa de fundo libertino, tendente a desqualificar Barnabitas e Angélicas no plano da moral e a manchá-los com a arma da iro-

nia. O primeiro a divulgar estranhos boatos sobre eles foi Pietro Aretino nos seus *Ragionamenti*, logo evocado por Pietro Nelli nas *Satire alla carlona*.

O padre Besozzi dirá mais tarde a São Carlos que os chefes da Sereníssima temiam que a confissão frequente tão cultivada pelos Barnabitas junto com a comunhão diária, fosse um meio de arrancar segredos do Estado, para comunicá-los ao Imperador através de Milão.

Boatos e insinuações podiam perfeitamente fornecer um excelente álibi para pôr em maus lençóis aquela que fora chamada “*a seita da condessa de Guastalla*” e justificar um ato de força; enfim, criava uma ocasião para Veneza opor-se à Santa Sé e para satisfazer os círculos de hereges que estavam se disseminando pela Itália.

Roma tinha sido colocada de sobreaviso e o próprio Núncio em Veneza, Ludovico Beccadilli, comunicou que “*a congregação dos Paulinos ou Guastallinos (sic!) não agradava a “estes senhores pelo modo com que eles conduziam as reuniões que faziam com as senhoras. Eu jamais os vi, mas algumas vezes, escutei murmúrios e coisas estranhas e diferentes que falam deles”*.

O Papa fora informado pessoalmente dos acontecimentos, mas, por sua vez pediu notícias mais específicas a respeito. Entretanto, a situação se resolveu com o “*edito de banimento*” e o representante pontifício aconselhou diplomaticamente a não recorrer: “*Pela prática que eu tenho do modo de proceder destes senhores, não se deve retomar a matéria, pois não vai dar em nada ou se perde e não convém fazer maior barulho especialmente nestes tempos*”.

Multiplicam-se as acusações

O que tinha acontecido? O julgamento das pessoas religiosas pertencia ao foro eclesiástico, mas o governo veneziano se recusou a expor os itens da acusação contra os “Paulinos”, pois estava convencido de que esses itens só tinham mentiras e falsas acusações.

O Conselho dos Dez respondeu ao Núncio papal, no dia 17 de janeiro de 1551 que, *“tendo recebido notícias sobre esta congregação há um ano, queríamos informações a respeito dos modos como ela age e ouvimos algumas notícias de excessiva- autoridade que foi dada à sua madre mestra, que era uma mulher milanesa de 36 a 37 anos, à qual os homens e as mulheres e até os sacerdotes davam muito mais poderes do que aquilo que parecia conveniente. E não nos agrada que se introduzam nesta cidade estes novos modos, por isso, nos convêm dispensar tal congregação...”*.

De particular importância é, para nós, a leitura dos itens de acusação incluídos nos “Documentos Secretos” da deliberação do Conselho dos Dez, que visam a pessoa e as ações da Negri:

- a) *Descobrir se na congregação, eles têm por superiora e mestra uma monja jovem, à qual dão o título de “divina madre” e de possuir o Espírito Santo, e conhecer os segredos do coração, etc., e que dá ânimo aos sacerdotes, e faz acontecerem as confissões públicas, e dá as penitências.*
- b) *Que as mulheres da congregação mantêm estreita ligação com os sacerdotes.*
- c) *Que a madre mestra tem a proeminência sobre os sacerdotes e os faz celebrar a Missa conforme a sua decisão e os suspende*

ainda de celebrar missa.

Por aquilo que já sabemos, é possível perceber que as acusações são formuladas de maneira substancialmente exata, provando a eficácia da polícia da Sereníssima. Apenas a idade da Negri está errada já que tinha 43 anos. Para evitar novas indagações por parte de Roma, o Conselho acrescentou uma carta com outras informações menos precisas e determinantes.

“Superiora e mestra da dita congregação era uma mulher milanesa de 36 a 37 anos, à qual dão o título de divina e dizem que possui o Espírito Santo, e a têm por santa e impecável. Que nas suas reuniões, das quais participam homens e mulheres, eles expunham muito particularmente não somente as ações diárias, mas as palavras e os pensamentos. Que os sacerdotes ficavam de joelhos diante da dita mestra, a qual dava ou negava a licença de celebrar, ensinava e interpretava as Escrituras: essas coisas parecendo-nos absurdas, pareceu-nos bem que fosse a coisa melhor dispensar a congregação ...”.

No dia 19 de fevereiro de 1551, sem processo algum, foi comunicado aos paulinos “o edito de expulsão” por todo o território do Vêneto; dentro de seis dias deveriam deixar Veneza e dentro de quinze as outras cidades.

No texto da decisão, aprovado com dezoito votos, um contrário e sete abstenções, não se faz menção à Negri, mas apenas aos padres Melso e Marta, porque eram súditos da Sereníssima.

A sentença inapelável cortou num só golpe as tantas iniciativas de caridade e de apostolado e humilhou alguns sacerdotes bastante conhecidos no ambiente aristocrático da cidade, que se viam expulsos injustamente e até impedidos de retornar à Pátria. Quem mais sofreu foi o padre Marta, responsável pela comunidade de Veneza; ele estava convicto de que a culpa deveria ser atri-

buída à sua falta de capacidade. Mas após ter regressado a Milão, se convenceu de que a causa principal daquela desventura fora a presença da Angélica Negri.

Na casa de São Barnabé, ele encontrou o padre geral Besozzi com o espírito amargurado e decidido a esclarecer até o fim o acontecido. O resultado foi que ele também começou a culpar a Negri; *“os seus desvios, a sua ostentação, os danos que disso derivaram”*. Às censuras, ele fez seguir medidas drásticas e, antes de tudo, uma rigorosa separação entre Barnabitas e Angélicas.

Nem todos, porém estiveram de acordo com ele, pelo contrário, *“muitos ainda estavam de tal modo persuadidos da santidade daquela mulher, que nem mesmo por sombra de duvida ousariam censurá-la”*. Eles estavam muito humildes, e dispostos a reconhecer os próprios defeitos, mas *‘na sua ingenuidade e boa fé, eram um obstáculo não pequeno para o padre Besozzi que teria gostado, a respeito da Negri, de acelerar as medidas para proteger os seus dos perigos futuros’*.

Alguém dos mais zelosos propôs a possibilidade de afastar a Angélica do Instituto. Mas a vida doméstica parecia desenrolar-se com aparente tranquilidade, apesar das oposições internas que estavam para imprimir uma transformação na congregação: o clima se manteve idílico e mais “espiritual” que nunca nestes meses cruciais.

De fato, no capítulo de 20 de fevereiro de 1551, se discutiu sobre o proveito a ser alcançado na próxima Quaresma; em 3 de março cada um manifestou sobre “para que coisa se sentia chamado por Deus”; “em 13 de abril se realizou um longo capítulo das culpas”, em 15 de maio foi declarado que *“o Crucificado nos quer muito bem porque já faz anos que nos castiga, e com isto quer que nos renovemos e quer manifestar-nos ao mundo por meio da infâ-*

mia”. Esta última expressão, talvez, não seja apenas uma citação paulina, mas uma alusão aos acontecimentos que estavam tomando uma certa direção mais dolorosa.



A doutrina do Frei Batista era muito avançada para a época, daí a perseguição contra todos que seguissem e propagassem essa doutrina.

Uma mudança de guarda

A reação da Negri não poderia faltar e era humanamente compreensível: ela não queria aceitar uma medida punitiva de tamanha dimensão. Também se houvesse reconhecido os erros pelos quais fora acusada em Veneza, jamais teria sido expulsa desta família religiosa, que o Fundador lhe recomendara nas suas cartas antes de morrer.

Foi um momento dramático. A crise estourou no capítulo geral de 9 de abril de 1551, quando o padre Besozzi não foi reelito superior; a mudança de superior aconteceu por influência da Angélica? É provável, dada a sua contínua autoridade. Todavia, os Atos afirmam explicitamente que o padre Besozzi, no cargo desde maio de 1546, estava sobrecarregado por muitas ocupações e era oportuno e normal um revezamento. Reunindo-se então para o capítulo, estavam “*presentes a reverenda madre mestra*”, a Torelli e a Sfondrati, “*para confirmar ou mudar os ofícios da casa, começou-se a falar sobre o reverendo padre superior Gian Pietro Besozzi, se era justo confirma-lo ou trocá-lo. Concluíram que era justo trocá-lo e eleger outro, não porque ele não exercesse bem o seu ofício, mas porque não podia cuidar das coisas da casa por causa das muitas ocupações que ele tinha escrevendo e outras coisas, de modo que não poderia estar presente nos capítulo. Portanto, seria bom treinar alguém para o cargo: além disto, é conveniente que não apenas um, mas também outros participem da graça que o Espírito Santo que costuma infundir naqueles que foram eleitos padres superiores*”.

Sem recorrer a falsas manobras, a mudança pareceu mais que legítima e bem motivada, mas além de não resolver a situação, agravou-a profundamente. Fora do texto do ato capitular há pouco

citado se lê uma importante anotação do padre Mazenta: “*Hinc origo*”, isto é, deste fato, surgiram todos os problemas e as divergências que acabaram por arrastar a Negri.

No lugar do padre Besozzi foi eleito o padre Marta! Era um atestado de plena confiança e de consideração após a expulsão dos Barnabitas do Vêneto. Certamente ele não podia mostrar-se dependente nem fiel como antes à Angélica; preferiu agir habilmente entre uns e outros, à espera que se acalmassem os ânimos. No mesmo capítulo, ele fez eleger o padre Besozzi para o ofício prestigioso, mas inofensivo de Mestre dos noviços, e poucas semanas depois o destinava para Roma, “*aos pés da Santidade do Pontífice*”, com a função de defender a reputação dos Barnabitas, injustamente “*desonrados e difamados*” por Veneza.



Troca de guarda: Para não prejudicar a Torelli e para defender os Barnabitas, que se sacrifiquem a Negri e seus seguidores!

Intervenção da Inquisição Romana

[Enquanto a congregação resolvia seus problemas internos], os agentes da Sereníssima tinham trabalhado em Roma junto aos prelados da Cúria, pondo em má situação as obras dos “Paulinos”. Passaram-se meses cheios de temor e de reflexões, e somente em novembro de 1551, os padres Besozzi e Melso puderam viajar para a Cidade Eterna e defender a sua causa. Apresentaram-se, entre outros, aos cardeais Carafa, Sfondrati e Morone, e ao dominicano Ghislieri, futuro papa Pio V, então Comissário da Santa Inquisição, “parecendo-lhes terem encontrado valentes defensores”. Mas, inesperadamente, nos primeiros dias de janeiro de 1552, os dois religiosos foram presos e encarcerados. Após um interrogatório sumário, foram processados e tratados com bastante rigor. Monsenhor Archinto, amigo deles teve de intervir para aliviá-los. As acusações se concentravam em dois pontos: os Barnabitas seguiam pela doutrina do Frei Battista de Crema, então sob suspeita de heresia pelagiana, e estavam em relação muito estreita com as Angélicas e, em particular com a Paula Antônia Negri.

A notícia da prisão trouxe consternação à comunidade milanesa e a condessa Torelli ficou desolada, sobretudo pelo destino da Angélica, que ela continuava a considerar e venerar como “*mulher de valor excepcional*”. “*Com a intenção de salvá-la*” desta perseguição enviou a Roma o seu homem de confiança, Matteo Daverio, hábil no tratamento dos negócios e conhecedor da Cúria. De fato, em 27 de fevereiro de 1552, Daverio obteve a libertação do padre Besozzi e em 11 de março a do padre Melso.

As acusações permaneciam de pé e eram serias. “A conduta relaxada” da Negri, a juízo dos Inquisidores, teria sido uma consequência das doutrinas laxistas de Frei Battista. Agora se esperava

também uma sentença para sair desta situação difícil, para não dizer perigosa.

Como nos conta o atencioso Daverio, o tribunal romano se orientou para uma condenação: “*O mais grave é a madre ser superiora aos homens e procurasse saber os pensamentos dos homens*”. Na conclusão de uma carta, datada de 29 de fevereiro de 1552, ele acrescenta uma frase iluminadora: “*Recomendo à madre, sobre a qual se descarregam todos os fardos, que se arme de muita paciência...*”.

É preciso, notar, além disso, que enquanto os Inquisidores não duvidavam da culpabilidade da Negri, os dois padres “*a principio não queriam se convencer de toda a malícia desta mulher, tanto ela tinha conseguido enganá-los*”. Mais tarde, porém, talvez para evitar o pior ou por medo da prisão, o padre Besozzi se associou às acusações, aliás, aumentou o seu teor. “*Penso que Gian Pietro*”, acrescenta Daverio em outra carta, “*tenha ‘esvaziado o saco’ e disse mais do que é [verdade], tentando satisfazê-los ao dizer sim a tudo nos muitos interrogatórios que lhe fizeram...*”. No dia 19 de junho, a Torelli avisou que os juízes não têm outro pensamento que condenar as obras do Frei Battista, tomar uma severa providência contra a Negri e preparar uma clara separação entre os dois conventos de Milão.

“*Foi decidido extraordinariamente pôr a madre para fora do mosteiro; esta decisão, eu sei, lhes trará grande dor, assim como também para nós; porém exortem a própria madre a suportar tudo pacientemente, porque estes senhores o fazem para testar a humildade dela, dizendo: Se ela é como nós julgamos que seja, suportará tudo com paciência. Se for tal como eles a julgam, ela será tomada pela soberba e demonstrará que não quer obedecer. E eu não duvido, eles pensam assim dela. Sendo assim, eu torço*

para que ela se comporte do jeito que a considero e isso acontecerá sem tumulto público a respeito dos nossos fatos”. Quer fosse sincero ou astuto, dado ao tom vagamente de chantagem da sua carta, Daverio conclui: *“recomendando-se à reverenda madre, a qual rogo de joelhos que queira, neste importante ponto, demonstrar as suas virtudes e, se por um seu particular motivo não o quisesse, o faço para conformar-se ao Senhor Deus, o qual não quis jamais caminhar senão pela via da tribulação e sempre com infinita paciência e humildade; portanto, ela também, deve fazer o mesmo para não escandalizar o próximo, pois, querendo ser boa, ser considerada má”* .

Com outras e longas cartas, o agente milanês, conseguiu, mesmo com dificuldades, fazer aceitar o veredito de Roma: assim afastava da cabeça da condessa de Guastalla, sua patrona, uma condenação certa como partidária declarada da doutrina de Frei Battista, e fez convergir sobre a Negri os golpes da Inquisição. De fato, nos mesmos dias, escrevendo à mulher do Governador Ferrante Gonzaga, Daverio insinuou que “todo o mal depende da ‘divina’ (talvez haja uma ponta de ironia neste adjetivo, usado mais vezes sozinho, enquanto anteriormente sempre acrescentou o nome de ‘madre’, contra a qual “*no momento, não convém competir*”).

A Inquisição provocou um grande estrago na obra da Reforma iniciada e levada adiante pelos três grupos dos Paulinos. Se estivesse vivo, nosso Fundador teria escapado da condenação e das restrições impostas pelo tribunal?



Uma punição “exemplar”?

A este ponto Daverio se deixou conduzir por um grande reconhecimento, que demonstra o seu zelo nada escrupuloso na defesa da condessa. De fato, numa carta, datada de 18 de julho de 1552, ele confessa: *“Esforcei-me, após a libertação dos padres, para induzi-los a dizerem a verdade o quanto sabiam sobre a dita divina, porque eles estavam muito reticentes a respeito dela, querendo responsabilizar mais a senhora condessa do que a divina, sobretudo o padre Paolo Melso. No entanto, trabalhei muito até que se dissesse a verdade”*.

O que era esta verdade sobre a Negri? É bom notar que o chefe dos Inquisidores era, na ocasião, o Cardeal Carafa, futuro Papa Paulo IV e notoriamente um dos mais duros e rígidos homens da Cúria. Ele estava preocupado, sobretudo, com a pureza da fé e da doutrina cristã e enxergava em toda parte os germes da heresia. Via então como o mal disfarçava o espírito inovador e “battistiano” dos grupos de reformadores surgidos em Milão; não aprovava principalmente o “status” ardoroso das Angélicas, propensas às obras de apostolado sem o tradicional vínculo da clausura. Além disso, desde 1532, havia advertido o Frei Battista de Crema por ele morar “extra claustra”, junto à condessa de Guastalla, de cuja conversão o mesmo cardeal não estava convencido. Era óbvio que, para ele, era suspeita e mais do que reprovada a união dos dois Institutos dos Barnabitas e das Angélicas. Com tais premissas ideológicas e práticas, Carafa estava convencido de que era necessário cortar o mal pela raiz com uma punição exemplar e um corte certo entre as duas congregações.

A sentença não tardou a sair e não podia ser mais completa: condenação da doutrina de Frei Battista e dos seus seguidores, se-

paração dos dois Institutos expulsão da Negri das angélicas, além da proibição a qualquer um de ter contato com ela.

Os fatos, a este ponto, se revestiram de suspense e se confundiram. Há situações obscuras e por isso não é fácil decifrar as intrigas secretas e algumas situações que despertam perplexidades. A narrativa está baseada unicamente nas cartas de Daverio e fundamentada na sua credibilidade.



Você conhece leis meramente punitivas? Cessada a punição, tudo volta como antes!

O jogo duplo do agente milanês

Em fins de agosto de 1551, vista a hostilidade do padre Bezozzi e de outros contra ela, a Negri pensou que seria oportuno afastar-se por algum tempo do mosteiro de São Paulo, como havia feito outras vezes, dirigindo-se para Valtellina junto com a priora, a Angélica Bonatti. Para tanto, ela foi desaconselhada pela condessa Torelli que esperava ainda podê-la reabilitar. Mas, porque já havia feito os preparativos para a viagem, a Negri foi acusada de ter tentando roubar dinheiro da condessa. *“Isto bastou para afastar-lhe a devoção e simpatia de alguns, mas não para corromper a absoluta fidelidade de outros”*. De qualquer modo a confusão entre os paulinos em Milão foi grande.

A Torelli informou Daverio do episódio e dos *“soberbos comportamentos”* da Angélica, das suas veladas ameaças a quem *“a quisesse rebaixar ou privá-la da autoridade que Deus lhe dera”*.

Daverio respondeu que, tendo falado disto ao padre Melso, *“o qual era um Saulo na defesa da divina”* (!), este ficou tão perturbado que se dirigiu ao Prefeito da Inquisição, *“confessando que tantos abusos causados na congregação são todos provindos da dita divina”*, pois ela manda na casa, manda na cozinha, pede a todos a obediência sob pena de excomunhão... *“Não me contentei com isso – acrescentou, mas me convenci de que permanecendo naquele lugar, será causa de fazer as monjas caírem duas vezes por dia em irregularidade; pelo que me pareceu ser melhor afastá-la do mosteiro*. Sendo assim, a conclusão da última reunião foi a de mandá-la para Cremona”.

Não acabou aí. O leigo Daverio como rígido defensor da

disciplina, se transforma em cruel conselheiro do tribunal, de fato ele escreveu: *“Disto também não me satisfaço e informo racionalmente a eles que se ela ficar em Cremona, é o mesmo que se estivesse em Milão, porque todos os dias há mensageiros e cartas a caminho e ela continuará semeando cizânia no mosteiro”*. Por isso, a fim de que esta situação não acontecesse, Daverio propôs que a Negri fosse colocada num mosteiro fechado, onde não pudesse ter facilidade nem de mensageiros, nem de cartas; *“e assim espero em Deus obter que se a coloque em Santa Clara em Milão, onde tenho certa familiaridade, onde lhe será tirada a vontade de escrever e de falar. Naquele lugar se ela sossegar, terá oportunidade de voltar para o bom caminho, (caso ela já estivesse antes no bom caminho mesmo que ela seja má, não pode haver lugar melhor para impedir à sua malícia de ser semeada...”*.

Ao fim deste testemunho, no qual transparece a satisfação do homem experiente que venceu a sua batalha, e enfurece-se sobre a vítima, há uma última preocupação com relação aos padres de São Barnabé: *“Estes Reverendíssimos, por causa do imprudente proceder da “divina”, gostaria de suspender totalmente o relacionamento com o mosteiro de São Paulo, o que seria de muita infâmia”*?

Mesmo assim, estas notícias impiedosas, que deveriam abrir os olhos até dos mais ardorosos defensores da Negri, não convenceram a Torelli! Uma mulher menos leal ter-se-ia posicionado contra quem, até então, a mantivera em segundo plano, aproveitando-se do incidente da tentativa de fuga e da aberta condenação de Roma, para livrar-se de uma rival agora desacreditada. Para explicar esta atitude de solidariedade para com a “mãdre-mestra”, um historiador não hesita em julgar a condessa uma

fanática desmiolada: *“Parece que, pelo contrário, não soubesse encontrar nem juízo, nem calma; evidentemente ela sentia sempre a influência da Negri, tão venerada por ela”*. Quinze anos depois dos acontecimentos, numa carta muito tranquila de 12 de maio de 1576, a Torelli revelou os segredos da sua alma, recordando sem arrependimentos a sua profissão particular de obediência nas mãos da jovem Angélica, *“a qual mostrava ter em si muita graça de Deus, de tal modo que me juntei a ela, obedecendo-lhe secretamente. Depois que entramos no mosteiro, a fizemos mestra de noviças e foi uma das primeiras a vestir o hábito monástico ...”*.

No dia 11 de julho de 1552, Daverio escreveu à condessa e voltou a insistir com declarações escandalosamente mentirosas contra a *“reverenda madre, da qual tanto me lamento e que mais não poderia lamentar, quer por ela como que pela paixão que vós dela tendes e tereis...”*; *“dói-me que a reverenda madre não tenha feito aquilo que eu esperava, isto é, que demonstrasse uma verdadeira humildade e por si mesma colocasse em prática o que eu escrevia...”*; *“Estes senhores dizem que a madre recebeu minhas cartas em que escrevi que se suspendesse o relacionamento com os padres e que as Angélicas fossem enclausuradas no mosteiro e que por ela foi respondido que não queria...”*; *“Por isso, estes senhores formaram uma má opinião sobre ela, que dizem com plena convicção estar possuída e cheia de soberba e ambição ...”*; *“O Reverendíssimo (nome ilegível) me disse que eu a convença porque ele não fez até agora, que eu o faça daqui em diante, que, humilhando-se em tudo e, recebendo tudo da mão de Deus, mesmo que tenha caído, ela abrace prontamente a humildade; sendo assim, teremos a ocasião de levá-la de novo para casa e depressa; mas que, se ela fizer o contrário, duvido que ele [o Reverendíssimo] se satisfaça só em de arrancá-la de casa, mas procurará fazer*

o pior; então vos peço pela paixão de Cristo que a exorte a comportar-se como uma verdadeira esposa de Cristo”.



Externamente, eu estou de acordo, mas as minhas intenções são outras!

Entre fugas e processos

Com o desenrolar dos fatos, as piores perspectivas apresentadas por Daverio, estavam para acontecer. Numa carta de 3 de agosto de 1552 ele relata uma conversa que teve com o Cardeal Alvarez: *“Disse-me que se lamentava muito pelo mau governo da madre”,* que a julgava incapaz de fingir, mas que depois se convenceu do contrário *“Depois me perguntou quem a favorecia. Respondi-lhe que não conhecia ninguém que a favoreça, mas que no mesmo mosteiro havia algumas monjas convencida da sua pretensa bondade, as quais estavam unidas a ela e não queriam o que ela não quisesse...”*.

É lamentável, portanto, que as cartas do Daverio, “tomadas em sentido negativo” pela Negri, a quem *“para não faltar de benevolência e de minha servidão para com ela”,* endereça um bilhete separado. *“O aceite ela como lhe parece: Deus, que tudo vê, será o verdadeiro Juiz entre ela e eu. Se nela estiver àquela bondade e capacidade de perscrutar os corações, como alguns acreditam, por que considerar minhas cartas como tendo sentido contrário? E só isto deveria ser suficiente para aquelas pessoas que querem deixar-se enganar”*.

No escrito “anexado” ficamos sabendo de outros pormenores: antes que Daverio partisse para Roma, a Negri lhe assegurou que a culpa recaia toda sobre ela, que apenas ela deveria fazer penitência; que a praticaria “agradecendo a Deus por tudo”.

Em Milão, no entanto, a situação se precipitou com o escândalo. Dois fidelíssimos seguidores da Negri fugiram durante a noite de São Barnabé de maneira incrível: eram o padre Marco Antônio Pagani e o irmão Stefano Alemanni. *“No dia 29 de julho de 1552, às 6 horas da tarde aproximadamente, os dois fugiram de*

lá escalando a janela do nosso corredor que dá para o jardim com três lençóis e daí partiram, deixando o barrete clerical e foram com chapéu na cabeça e com o hábito de cavalgar...”

A notícia da fuga, comunicada em Roma convenceu os Inquisidores a encerrarem o processo definitivamente. No dia 13 de agosto, os dois barnabitas, padre Besozzi e Melso, foram absorvidos de todas as acusações, *“dando-lhes a penitência secreta de sete salmos e jejuns; com isso começarão a conhecer a rigidez destes senhores”*. Além disso, foi restituída a fiança de três mil escudos desembolsada a seu tempo para que eles conseguissem ficar em prisão domiciliar. Mais uma vez, foi o Daverio que escreveu para condessa de Guastalla, informando as últimas decisões e anunciou em primeira mão os procedimentos iminentes. Entre outros, ele explicou que *“não foi novidade para mim a fuga dos dois, já esperava o pior, digo a fuga da Paula Antônia de Castellanza (outra forma singular de denominação para indicar a Negri) com as suas seguidoras; o que não aconteceu, disto agradeço a Deus pela saúde deles”*.

Daverio depois informou que o Cardeal Alvarez decidiu, em todas as resoluções tomadas, *“que a Paula Antonia de Castellanza ficará reclusa no mosteiro de Santa Clara com uma companheira, sendo proibida expressamente de falar com qualquer pessoa, nem escrever, salvo a Vossa Senhoria e à priora...”*. *“Para Milão será mandado um “Comissário com autoridade de encarcerar qualquer pessoa que dê ou deu ajuda à Negri ou fez algum favor à dita Paula A.”*. E por fim, Alvarez anunciou que foi decretada uma visita apostólica e delegado, para tal função, o monsenhor Leonardo Marini, bispo sufragâneo de Mantova.

A visita Apostólica em Milão

No dia 29 de outubro de 1552 chegou em nossa casa o visitador com amplos poderes, instruções pormenorizadas e ordens drásticas. Conhecemos o texto do Breve pontifício tratando ao mesmo tempo da doutrina do Frei Battista e do “caso Negri”: está em latim e muito longo para ser transcrito aqui.

Monsenhor Marini, acolhido com profunda reverência pelos padres e pelas irmãs, visitou primeiro os dois conventos de São Barnabé e de São Paulo; então, no dia 17 de novembro, abriu o capítulo geral extraordinário, lendo o documento papal que estabelecia de modo inapelável o que se segue:

- Separação absoluta e completa entre Barnabitas e Angélicas, com exceção de um padre confessor destas últimas;
- Abolição de qualquer forma de autoridade da Negri e em particular o título de “divina”;
- Proibição de possuir relíquias ou escritos de Frei Battista de Crema e de seguir a sua doutrina espiritual.

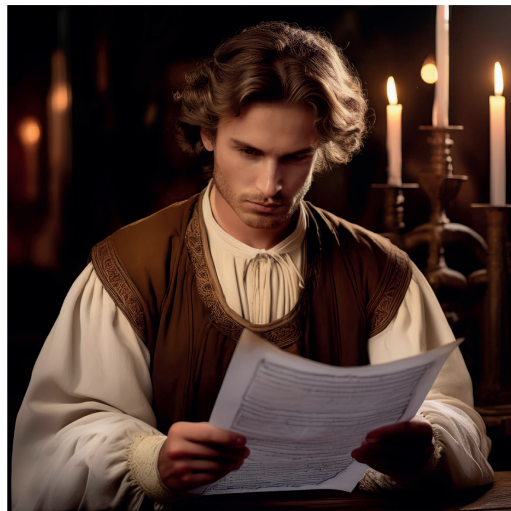
Ao mesmo tempo, foi imposta às Angélicas a condição de clausura e foi deposta do cargo a superiora que teria tentado fugir com a Negri. Além disso, nos “Atos da visita do ilustríssimo Marini” que se conservam inéditos no arquivo dos Barnabitas de Roma, se determina o seguinte: *“Ordenamos que suor Paula Antônia de Negri, com uma companheira voluntária, seja reclusa no mosteiro de Santa Clara em Milão, onde não possa falar com pessoa alguma, exceto com a priora de Santa Clara e a sua companheira. Da mesma forma, não possa escrever nem fazer outros escrever, e nem aceitar cartas ou visita de pessoa alguma, sem nossa licença; e quando ela ou outras desobedecerem a este nosso querer, em tal caso se recorra ao braço secular referindo aquilo*

que já dissemos, e o mesmo seja em todas as outras ordenações”.

A execução destas ordens, embora tão duras na forma e na substância, não encontrou oposição alguma.

Deve ser dito, que a Negri foi a primeira a obedecer e retirar-se para o convento indicado. *“Ou o fez por sentimento de arrependimento ou por temor de não ser apoiada em uma eventual rebelião” como pensam os adversários, ou, “toda tranquila, não querendo se valer de favores que grandes e infinitos não lhe faltariam dos seus filhinhos, deixando fora a consideração de qualquer tipo de doença e razão sua, mas que quis obedecer de boa vontade e ser levada ao mosteiro”*, como sustentam os defensores. É fato que a obediência da Angélica está fora de discussão.

Sobre o cenário caótico de tantas reviravoltas, no entrelaçar-se de manobras pouco claras, sem ser interrogada nem poder recorrer à autoridade superior, ela abaixou a cabeça em silêncio e dá um exemplo de perfeita obediência. .



Ficam as incertezas e as interrogações! ...

As vicissitudes de um exilado

A paz, ao que parece, não voltou nos dois conventos, pelo contrário, passaram por novas lacerações dolorosas e por graves polémicas. Numa carta do padre Caimo, confessor das Angélicas, escrita em fins de novembro de 1552, estando presente ainda o visitador apostólico, foi comentado o retorno clandestino do padre Marco Antonio Pagani para favorecer a fuga de algumas Angélicas fiéis à madre. Ele foi descoberto, encarcerado, e sem complacência, forçado a confessar. *“Ontem me disse o Comissário ter estado com o Pagani e que antes lhe confessou que veio para acompanhar cinco ou seis que desejavam fugir do mosteiro em Valtellina e depois, quando seu depoimento foi colocado por escrito, ele o negou, pois elas não queriam sair de lá sem a mestra e a companheira, ele pensa não deixá-lo ir sem que diga tudo; e penso que, se ele recusar será difícil, a corda (a tortura) não lhe faltarão”*. O padre Caimo continua recordando como o “senhor Domenico” (=pai do Barnabita Alessandro Sauli) obteve do Comissário permissão para falar com o Pagani na prisão, *“creio que para fazer uma boa mediação”*, porém o Inquisidor lhe recomendou que procurasse convencer o senador Gabrio Casati e Baldassare Medici (ambos firmes defensores da Negri) a *“se retirarem desta questão, caso contrário irão se arrepender”*.

As intenções e o plano de ação do “fugitivo” estão descritas com extrema sinceridade numa longa carta, enviada por ele à Negri, às vésperas do desterro da madre para o mosteiro de Santa Clara, e confiscada pela Inquisição. Vale a pena sintetizá-la e dela citar um trecho para entender a psicologia deste “santo homem” e de outros como ele, mas também, a sua inabalável, filial devoção à Angélica.

Depois de ter narrado “*à divina madre mestra, por Jesus Cristo, minha madre sempre respeitadíssima*” as sua peripécias após a fuga de São Barnabé, Pagani justifica o seu gesto “*para não se afastar do primeiro fundamento e vocação, pelo qual Deus se dignou de unir-me à minha mãe para sempre*”. Por isso, com ânimo exacerbado, lançou acusações contra os superiores e as autoridades eclesiásticas que condenaram a doutrina de Frei Battista e se disse pronto para ajudar a Negri com o apoio de prelados e senhores venezianos.

A carta termina com estas apaixonadas invocações: “*Minha mãe, me confio, sou ainda mais vosso e o serei sempre; não tenho nesta vida outro refúgio, lanço-me nos vossos braços, guiai-me, ajudai-me que eu espero, por vosso meio, sentir aquilo que a vós tão singularmente deu-vos experimentar individualmente dar-lhe experimentar o vosso esposo Cristo. Recomendai-me, levai-me nas suas chagas, no seu lado, que desejo aí viver e morrer; e assim para as únicas irmãzinhas e muito queridas nele que estão em meu coração; recomendo-me às suas orações... E uma vossa carta, minha mãe, seria muito preciosa para mim; recomendo-me e com todos os filhinhos e cavaleiros vossos que estão sob Paulo Santo e seus seguidores querem lutar contra qualquer poder humano ou diabólico. Perdoai-me, mãe, aquilo que fiz contra o vosso desejo e vos rogo suplicar luz e fervor igual do Santo Pai e vosso, por que sou grosso e túbio, mas muito desejo recomeçar. Assinado indigno filho e servo vosso Marco Antônio padre indigno*”.

Os cavaleiros errantes da Negri

Pagani menciona os “*seus cavaleiros*” decididos a prosseguir a batalha deles para obter justiça. Quem são e o que fizeram estes “*totalmente fiéis*” à Negri?

Sabemos que, no período anterior à expulsão do território vêneto, isto é, de 1537 a 1550, muitos jovens súditos da Sereníssima, entraram na congregação dos Barnabitas, muitos deles por iniciativa da Angélica. Eram, geralmente, descendentes de famílias nobres e alguns já os encontramos em Milão. Tratava-se de vocações autênticas ou de entusiasmo passageiro?

Um historiador afirma claramente que foram “mais por desejo de satisfazer à Negri, que concentrava em si toda a autoridade de um pessoa santa, do que por clara vocação ao estado religioso. Enquanto a Negri continuou naquela condição privilegiada, eles estavam, por assim dizer, seguros com ela e caminhavam bem. *“Quando a viram cair em suspeita por alguns padres, e depois à Santa Sé, e finalmente foi obrigada a recolher-se no mosteiro de Santa Clara, se sentiram feridos naquela parte que estava mais viva e sensível neles. Sendo mais dela do que da congregação, tanto que haviam escolhido esta para fazer algo agradável a ela, agora não encontravam infelizmente algum impedimento para abandonar por ela a vida religiosa e a congregação. Se durante a estadia do visitador apostólico em Milão, eles ficaram calados e pareciam bastante submissos e contentes mas, quando ele partiu, mostraram-se ainda mais persistentes na fidelidade àquela mulher, e um após o outro, desertaram”*.

É mesmo verdadeira esta análise, tão severa e gratuita? A mim parece que, em muitos pontos, ela precisaria de esclarecimentos e atenuantes e de alguma prova. Sem nos prolongarmos, podemos

dizer que estes “fugitivos” foram uma dúzia, número bastante significativo em relação ao total da comunidade barnabita, que não passava de 30-35 membros. Além da posição social e a preparação cultural, todos já tinham uma certa maturidade em 1551, apareciam cheios de fervor em submeter-se à rigorosa disciplina dos clérigos regulares, sincera e ativamente empenhados nas obras de apostolado. Também devemos enfatizar que alguns eram sacerdotes e professores; outros ainda noviços e postulantes; todos animados por bom espírito e ansiosos pela perfeição. Além disso, não fora fácil deixar o Vêneto, vencer as resistências do ambiente familiar e adaptar-se a um regime de vida tão diferente.

Como podemos culpar estes homens de superficialidade, falsidade, pertinácia?

Notamos, por fim, que todos eles não se desviaram do reto caminho, pelo contrário, demonstraram a sua sincera vocação sacerdotal e religiosa.

Já recordamos a figura do padre Marco Antônio Pagani, fidelíssimo defensor da Negri. Pois bem, em 1557 tornou-se frade menor observante, fundador do Instituto dos irmãos da Companhia da Cruz e das “Humildes” de Nossa Senhora em Vicenza, em 1562 participou do Concílio de Trento como teólogo, foi autor de várias obras ascéticas e jurídicas, inclusive de um poema em honra da Angélica Negri. Morreu em 1589 com fama de santidade e ele está em processo de beatificação!

Outro dos chamados “cavaleiros errantes da Negri” foi o padre Giuseppe Contarini tendo voltado para os barnabitas e “recebido de volta” e após humilhantes provações, levou uma vida exemplar, mostrando-se elemento precioso para a pequena congregação. Lembramos também o padre Adriano Dolcetto, que se tornou cônego da basílica de Santa Maria Maior em Roma, tendo

reatado relações de amizade com os Barnabitas.

É muito singular e notável a figura de Lorenzo Davidico, chamado “o padre Castellino” tão estimado por Santo Antônio Maria Zaccaria e pelo Papa Paulo III, homem douto e colaborador dos Barnabitas nas missões em Vicenza e Verona; em 1547 ele foi afastado da Ordem. Foi pároco em Vercelli, acolheu com alegria na cidade os seus antigos confrades e morreu reconciliado nos braços deles..

Há também quem procurou entrar na Companhia de Jesus.

O apego dos “cavaleiros” à Negri e à sua memória não esmoreceu! O que eles pretendiam fazer com o seu clamoroso gesto de protesto? Isso se demonstra claramente com a correspondência epistolar mantida com a Negri, apesar das proibições; mais que defesa da própria posição, eles se comprometeram a recuperar a fama da sua “divina madre”, junto à opinião pública. Com zelo digno de melhor causa, diríamos nós, denunciavam continuamente “a injustiça” cometida contra uma inocente e procuravam induzir outros Barnabitas e Angélicas a se fazerem defensores da verdade.

A divisão entre os dois partidos divididos a favor ou contra a Negri, em vez de diminuir, ia se agravando com o tempo, a ponto de colocar em risco a própria existência da congregação. Giacomo Foscarini escreveu ao padre Besozzi, aconselhando-o a declarar dissolvida a comunidade de São Barnabé (carta de 15 de junho de 1553)!

Na sua ação os fugitivos eram sustentados por personalidades influentes, que, já conhecemos como amigos e benfeitores da congregação.

O primeiro deles foi o senador Gabrio Casati. “*Soprava no fogo desta discórdia o Presidente do Vêneto* (= “Regente do Con-

selho supremo junto ao Rei Católico para os negócios da Itália) o qual, embora tivesse honrado com sua presença não raras vezes a casa de São Paulo, após o edital de Veneza começou a animar e defender os fugitivos, que pela maior parte pertenciam ao Estado do Vêneto”.

O padre Besozzi não conseguia convencer-se como “*Este grande cristão*” pudesse manter-se tão ligado à Angélica! Dois fatos consolaram e animaram os padres nestas terríveis circunstâncias: as manifestações de confiança e de encorajamento enviadas pelas autoridades eclesiásticas e por alguns leigos poderosos, que deploravam “os incômodos” e “as querelas” provocadas por gente malévola.

A entrada do jovem Alessandro Sauli na congregação, em 17 de maio de 1551 no auge das divisões internas, era uma “promessa” e um sinal de esperança enviado pelo céu. No ano seguinte o jovem cidadão milanês viu alguns companheiros deixarem a comunidade, mas quando o monsenhor Marini o interrogou sobre a sua vocação, ele manifestou o desejo de permanecer com os Barnabitas, “*esperando que tudo se endireite*” (Capítulo de 17 de novembro de 1552).



E a condessa Torelli?

Como se comportou a condessa Torelli nesta situação tão complicada? A sua atitude nos parece um pouco incerta. Ela aceitou com pouquíssimo entusiasmo as decisões de Roma sobre a Negri, ou melhor, teve de suportar o novo estado das coisas. É certo que não diminuiu a sua estima pela Angélica, nem mesmo nos momentos mais difíceis. Mas permanecem misteriosas as razões de sua conduta após o desterro da Negri.

Não querendo aceitar a obrigação da clausura imposta às irmãs, com muita probabilidade ela preparou logo a sua separação do Instituto, e ansiou pela fundação de um colégio para a educação de moças, o que teria depois realizado. Pela crônica da Sfondrati, sabemos que a Torelli abandonou o mosteiro das Angélicas em 15 de dezembro de 1554, após um forte e longo desacordo com o confessor, o padre Caimo, a propósito da clausura, considerada por ela absolutamente contrária ao seu espírito e à sua instituição.

Por outro lado, o respeito e a consideração por aquela que, com Santo Antônio M. Zaccaria, era a “co-fundadora”, ela que havia ajudado economicamente mais do que qualquer outro as duas congregações no seu nascimento, ao ponto de os “Paulinos”, antes de serem chamados “barnabitas” foram apelidados de “os Guastallinos”, “os padres da Condessa”, não puderam impedir uma cisão dolorosa, seja no plano dos vínculos jurídicos, seja na prática de vida.

A Torelli de fato, não quis reconhecer a validade da profissão privada, emitida nas mãos da Negri em 1537 e, pelo temor de ficar obrigada a um vínculo ao qual instintivamente estava alheia, deixou o mosteiro, refugiando-se na casa da “Governadora”, vi-

úva do marquês d'Avalos. Talvez não tenha sido casual a coincidência de sua partida, em dezembro de 1554, com a saída da Negri do mosteiro de Santa Clara. Por algum tempo, manteve relações amigáveis com as Angélicas, embora, às vezes, fossem ofuscadas por disputas banais. Menos cordiais, talvez, foram as relações com os Barnabitas, desde que ela confiara a si mesma e o seu colégio à direção dos jesuítas. É sintomático o fato que ela estava à cabeceira da Negri moribunda.

O historiador oscila no juízo sobre esta mulher, “*generosa e bizarra*”, e não sabe posicionar-se entre aqueles que a exaltaram como uma apóstola e nem entre aqueles que a desprezaram como uma tola. Um destino que a aproxima, mais uma vez, da Paula Antônia Negri.



A Condessa Ludovica Torelli
Imagem da Collezione Guastalla

Os equívocos não param

Enquanto fora do mosteiro de Santa Clara as águas continuavam a se agitar e o padre Besozzi, reeleito superior geral em abril de 1554, não estava totalmente tranquilo, a Negri transcorria os seus dias na clausura do seu domicílio em oração e no silêncio. Enquanto os seus admiradores lhe escreviam, de onde se encontravam e se consideravam sempre sujeitos à autoridade da madre, não se conhece, por parte dela, um só gesto, nem palavra em apoio a eles: sendo assim, as insistentes e afetuosas pressões deles batiam em vão contra as paredes do claustro. Na realidade, a Angélica estava atormentada por doenças e por sofrimentos que, se pode dizer, a acompanharam por toda a vida. Por aproximadamente dois anos, desde novembro de 1552 a dezembro de 1554, ela permaneceu em Santa Clara, até que um dia sua saúde teve uma piora. *“Os médicos – afirma o antigo biógrafo – fizeram uma reunião entre eles e concluíram que uma mudança de ares poderia permitir facilmente à madre mestra que melhorasse; então apresentaram o seu parecer ao Senado, que tinha grande cuidado paracom ela; o Senado, então, julgando que a vida da madre devesse ser conservada com todos os meios apropriados, foi ordenado por alguns através de decreto, que preparassem para ela uma área campestre bem arejada”*.

É claro que esta permissão de levar a Negri para o campo foi obtida por seus partidários junto ao Senado de Milão, mas violava sobretudo a lei da clausura; em segundo lugar, contradizia uma ordem formal da autoridade eclesiástica, única competente para julgar a matéria.

Superadas as compreensíveis resistências da Negri, graças à intervenção dos “principais senhores” da cidade, com ga-

rantia que *“logo que se recuperasse, voltaria”*, a Angélica aceitou a hospitalidade da senhora Ippolita Rho. Era do conhecimento da Negri que a permissão de sair lhe fora dada pelo Senado, em vez da autoridade eclesiástica? *“É estranho – réplica o historiador hostil – que apenas ela ignorasse o que toda Milão sabia”*.

De qualquer maneira, logo que o padre Besozzi foi informado do acontecido, avisou o Cardeal Alvarez, protetor dos Barnabitas, para que tomasse as medidas oportunas para fazer a Negri voltar para o mosteiro. No capítulo geral, convocado imediatamente e no qual estavam presentes 22 confrades, *“o reverendo padre proposto intimou a todos que, tendo ele sabido que a madre mestra saíra do mosteiro de Santa Clara, ordena que ninguém ouse ir visitá-la, escrever-lhe ou mandar-lhe recomendações e embaixadas, ou estar com quem esteve com ela; e que, explicando que se alguém ousar violar o seu preceito, pretende agir contra ele como sendo excomungado, obstinado e rebelde contra a Santa Madre Igreja”*.

Por sua vez, a ordem de Roma não demorou: Alvarez fez chegar à Negri ordem de regressar imediatamente para o mosteiro de Santa Clara. A Angélica obedeceu com prontidão e se fez transportar para as monjas “em maca”, isto é, em liteira, por causa dos males que a afligiam.

Parece que as irmãs não queriam aceitá-la naquelas condições precárias: *“exortadas e avisadas anteriormente, e por excessiva compaixão em relação à gravidade do mal, deixaram para depois o aceitá-la”*.

Foi uma comédia astutamente representada pela pérfida madre, como interpretou o padre Besozzi, criticando com dureza esta conduta, que considerava a Negri como pessoa de má fé. Também um historiador moderno afirma com total segurança que esta atitude *“se chocava com a realidade dos fatos e com o próprio bom*

sensu”; que servia unicamente para manter a Angélica “*como vítima inocente e mártir*” junto aos seus partidários.

É preciso acrescentar que a Negri fez lavrar, por um escrivão, uma declaração, na qual explica que não dependia dela “*dar cumprimento*” das ordens do Cardeal.

Tudo isso foi verdadeiramente uma comédia de equívocos? Francamente não é fácil interpretar a presença de um advogado e de um médico como uma armadilha bem montada. Por outro lado, a “divina madre” estava notoriamente doente e nem poderiam ser suficientes poucos dias para sua recuperação.

O antigo biógrafo fala, entre outras, de “*uma perna em péssimo estado devido a tumores, com rigidez e inchaço doloroso e mortal*” (sic!). É possível julgar que ela, levada ao parlatório, tenha convidado um perito para redigir um ato que eventualmente a justificasse diante dos superiores eclesiásticos? Novamente permanece o dilema: verdadeira submissão ou falso engano? Nós ficamos com a primeira hipótese.

Controvérsia também no final

A Negri, então, voltou para a casa de pessoas amigas, mas pouco depois, em 4 de abril de 1555, entregou a sua alma a Deus, assistida por um grupo de discípulos e pela condessa Torelli. A morte foi também uma comédia” ?

A respeito dos pormenores do desenlace, é paradoxal notar que a batalha entre as interpretações opostas não foi menos áspera do que a travada em torno da pessoa da Negri e da sua vida. Enquanto alguns asseguram que “a comédia durou pouco e não se sabe com quais sentimentos ela entregou a alma ao Criador”; outros tendem a situar a morte numa auréola de santidade: “*os sacerdotes celebravam a santa Missa no quarto*”; ela recebeu a Santa Comunhão e o óleo santo “*com toda reverência*”; passou para a outra vida rezando e recitando os salmos, deixando “*todos aflitos e com tristeza por terem perdido esta guia feliz*”.

O corpo da Negri foi sepultado na igreja do mosteiro do Crucificado em Milão, junto as “Humildes”, onde era priora sua irmã Porzia.

No século XVII foi posta sobre a sua tumba uma inscrição elogiosa, mas, desde o século passado, a igreja e a lápide não existem mais.

Para manter viva a sua memória foi cunhada uma medalha com o perfil da Angélica e a escrita em latim: “*Virgínia de Negris dicta Angelica Paula Antonia aetat. an. 47*”; o conde Taeggi fez pintar um retrato dela na igreja dos santos Simão e Judas em Milão.

Quando a Negri ainda estava viva, Pagani tinha até publicado um volume de versos em sua honra, intitulado *Le Rime* (Veneza 1554), do qual faz parte um grandioso “Triunfo Angélico”,

comemorando todas as suas virtudes. Este livro foi colocado no Index, e dele retirado somente em 1900.

Em 1555, o padre Marta foi a Roma para render homenagem ao novo pontífice Paulo IV (o terrível Cardeal Carafa); parece que, em audiência, o Papa fez alusão benéfica à ingenuidade dos padres com relação à Negri. Em uma carta de 20 de setembro do mesmo ano, o padre Besozzi se mostrou satisfeito com o bom êxito das viagens do padre Marta, “*embora tenha dado ocasião de ficar vermelho, narrando as nossas infantilidades e erros...*”.

Outras tentativas, destinadas a difundir a biografia e as cartas da Negri, tiveram como protagonista Gian Paolo Folperto, considerado “o primeiro dos fugitivos” e um dos mais ferrenhos defensores da Negri, ao atribuir à Angélica a paternidade das cartas espirituais.

Observações Conclusivas

Infelizmente o espaço não nos permite analisar alguns problemas e responder a interrogações que emergiram no curso da narração. Limitarmo-nos a alguns “flashes” para evidenciar os pontos mais característicos, a começar pelo título de “divina madre”, atribuído à Negri, e ao seu “enorme poder” sobre homens e mulheres.

Observamos que o adjetivo “divino” era usado habitualmente no século XVI, sem ter o significado literal que lhe damos hoje. A dominação espanhola na Itália influenciou muito os usos e os costumes, e também o estilo e o linguajar, que se tornou sempre mais solene e pomposo. Não se poupava esta qualificação em se tratando de pintores e poetas ilustres, que talvez indicasse, com uma ponta de adulação, qualidades excelentes e extraordinárias no seu gênero.

Para limitar-nos ao nosso âmbito, encontramos que o adjetivo “divino” era bastante difundido e fora dado, por exemplo, a Frei Battista de Crema, a Antônio Maria Zaccaria, à condessa Torelli, às Angélicas, ao Davidico etc.

O mesmo conceito de “divina madre” que, à primeira vista, soa escandaloso para nossos ouvidos, com o passar do tempo entra no linguajar cotidiano e perde a sua característica original. Além disso, esta denominação não era totalmente nova, porque é encontrada frequentemente na tradição ascético-mística, difundida nos séculos da Idade Média, como por exemplo, entre as mulheres piedosas dos Países Baixos.

No que se refere à autoridade absoluta exercida pela Negri, é preciso ter presente que, nas origens dos “Paulinos” de Milão (Barnabitas, Angélicas, Casais) se encontravam quatro persona-

lidades “carismáticas”: Frei Battista, Zaccaria, a Torelli, e a Negri. Tendo morrido muito cedo as figuras masculinas (em 1534 o primeiro e em 1539 o segundo), restaram as duas mulheres com o prestígio e a auréola de “co-fundadoras”; é compreensível que estivessem circundadas por uma auréola de veneração, especialmente por parte dos novatos. Acrescenta-se que a Torelli nunca quis ser religiosa e, por isso, a vimos sair do Instituto para seguir a sua vocação de educadora.

Só restou a Negri. E é natural que todos a considerassem e a tratassem como “a madre” por excelência, vendo nela quase a personificação viva da “primitiva inspiração”, a herdeira e a porta-voz do carisma originário.

A oposição não superada com o padre Besozzi, que explodiu nos últimos anos após uma longa e pacífica concórdia na vivência dos ideais e no apostolado, acreditamos que se deva atribuir, antes de tudo, à diversidade de temperamentos e da psicologia, ao endurecimento de natureza polêmica, a uma espécie de orgulho pessoal, mas, também a um complexo de circunstâncias locais, em parte independentes da sua vontade; e talvez, faça parte daquele inexplicável mistério do coração humano, que só Deus conhece na sua verdade.

Para admitir uma total prevaricação da Negri, seria necessário culpar de ingenuidade e de infantilidade tantos ilustres personagens, incluindo o Santo Fundador Antônio Maria Zaccaria e inúmeras almas que sempre admiraram a Negri. Seria preciso também condenar todo o seu passado como diabolicamente falso: sendo muito clara, de fato, a diferença, ou melhor, o abismo que separaria o primeiro período da sua vida do último. Uma reviravolta tão repentina não teria motivos adequados e, então, o juízo apresenta-se superficial e arbitrário.

Concluindo, a nós parece muito mais simples, após ter discutido os fatos e as opiniões, sustentar a inocência da Angélica e que tenha chegado o tempo de render-lhe plena justiça. A sua condenação por parte da autoridade eclesiástica, sob o impulso de razões políticas, disciplinares e doutrinárias que não a tocavam, teria sido um erro fatal e uma opção para evitar o pior. Ao ter acolhido humildemente e sem rebeldia a tal sentença, nos parece que, essa atitude da Negri não só não diminui, mas eleva a sua grandeza moral.

Uma revisão serena do ponto de vista histórico parece mais que necessária para trazer luz sobre este “caso” desconcertante, que apaixonou os contemporâneos.

A figura de Paula Antônia Negri é sem dúvida para ser incluída entre aquela fileira de almas que aspiravam à autêntica reforma cristã da sociedade, logo depois do surgimento do movimento protestante, isto é, numa época crucial do mundo moderno, muito semelhante ao nosso nas inquietudes e antes que o Concílio de Trento dirigisse as várias forças espirituais do catolicismo para uma nova ordem na Igreja.

ÍNDICE

- 5 Apresentação**
- 9 O ambiente histórico-espiritual**
- 11 Protagonismo do cenáculo milanês**
- 14 A figura de Paula Antônia Negri**
- 18 De Castellanza a Milão**
- 20 Encontro de almas**
- 22 A origem das Angélicas**
- 24 Uma jovem Madre Mestra**
- 29 A Divina Madre**
- 32 Uma presença viva e ativa**
- 35 Agitação na comunidade**
- 39 Um grande discurso**
- 44 Três casos impressionantes**
- 47 Desencadeiam-se as perseguições**
- 51 Multiplicam-se as acusações**
- 55 Uma mudança de guarda**
- 57 A intervenção da Inquisição**
- 60 Uma punição “exemplar”?**
- 66 Entre fugas e processos**
- 68 A visita apostólica em Milão**
- 70 As vicissitudes de um exilado**
- 72 Os cavaleiros errantes da Negri**
- 76 E a condessa Torelli?**
- 78 Os equívocos não param**
- 81 Controvérsia também no final**
- 83 Observações conclusivas**

ILUSTRAÇÕES

- 7 Igreja de São Sebastião em Livorno. Foto Internet**
- 10 Comunidade de Jacarepaguá (RJ) - Foto RBC 2016**
- 13 O Cristo Crucificado no sofá - Foto RBC 2016**
- 17 Basílica de Santo Ambrósio em Milão - Foto LANP 2012**
- 19 Castellanza igreja de São Júlio**
- 21 Velas - Pasta Desenhos**
- 23 Origem das Angélicas - Irmã Priscila ASP**
- 28 Vicenza**
- 34 Brazão dos Clérigos Regulares de São Paulo**
- 38 Árvores e nuvens - Foto RBC 2016**
- 46 Nossa Senhora de Loreto - Jacarepaguá - Foto RBC 2016**
- 54 Natureza - Foto RBC 2016**
- 56 Mudança de turno - Imagem IA**
- 59 Fugindo da perseguição - Imagem IA**
- 61 Renascer - Foto RBC 2019**
- 65 Não é o que parece - Imagem IA**
- 69 O que será isso? - Imagem IA**
- 75 Os cavaleiros da Negri - Imagens IA**
- 77 Ludovica Torelli - Imagem Internet**

Considerações pessoais

Pe. Luiz Antônio do N. Pereira CRSP

Tendo revisto a tradução deste livro feita pelo nosso confrade, padre Jaciel, fui obrigado também a ler a obra original, escrita pelo Barnabita, Monsenhor Andrea M. Erba. Confiando inteiramente na capacidade e na fidelidade de D. Erba no trato com nossa história, eu me atrevo, a fazer as seguintes considerações:

Começo com uma pergunta. Será que a Negri foi mesmo um “bicho papão” como pensam alguns? Não creio!

- foi orientada pelo Frei Batista, que ela conheceu no Cenáculo da Eterna Sabedoria.
- neste mesmo cenáculo conheceu nosso Fundador e mereceu a confiança dele, a ponto de assinar junto com ele, algumas cartas dos Escritos.
- teve uma relação de respeito e fidelidade com a Condessa Torelli;
- depois da morte de Santo Antônio Maria, chamou para si a responsabilidade de conduzir o grupo dos Paulinos, meio desnorreados sem a presença do pai;
 - tornou-se madre mestra ainda muito jovem;
 - presidiu capítulos, admitiu e demitiu candidatos;
- atraiu novas vocações para os clérigos regulares de São Paulo.
 - foi a personagem principal das missões no Vêneto;
 - capacidade de atrair e convencer tanto mulheres como homens.

Mas ela também despertou desconfiças: muito autoritária: onde já se viu mulher mandando em homem? / muita severidade na aplicação de penitências.

Foi condenada como lemos no livro, mas quem esperava dela uma atitude de rebeldia e de desobediência, viu uma pessoa que aceitou toda a provação com humildade e no silêncio de um quase exílio.

Como diz o autor do livro, a Negri merec um ato de reparação histórcia. Quem o fará?

**Irmãs Angélicas de São Paulo
Padres e Irmãos Barnabitas**